



Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE



Ano 126 • Nº 2.149 • Abril 2008

150 anos de Fundação da **Sociedade Parisiense** de **Estudos Espíritas**

*O primeiro Centro Espírita
do mundo*

Veja nesta Edição:

Da primeira Sociedade ao
Centro Espírita da atualidade
Caráter da Revelação Espírita
A dor física



Suplemento:

Sesquicentenário da Sociedade
Parisiense de Estudos Espíritas

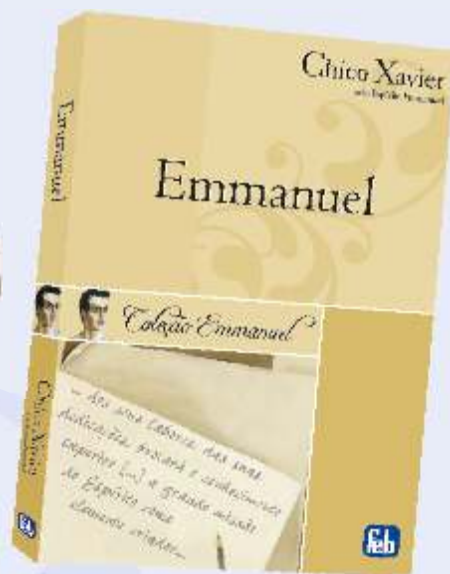
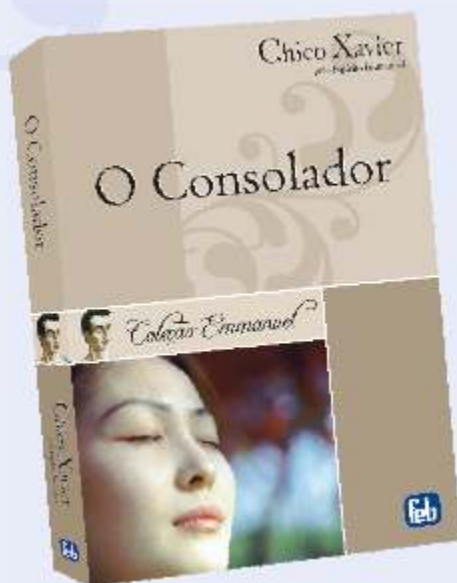
ISSN 1413 - 1749

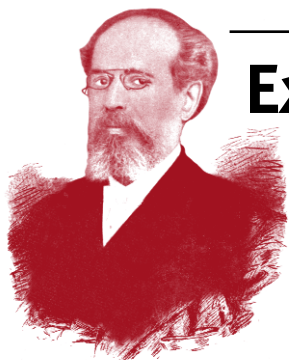


R\$ 5,00

Coleção Emmanuel

A Coleção Emmanuel psicografada por Francisco Cândido Xavier é mais um relançamento da Federação Espírita Brasileira. Os nove títulos: Emmanuel, A Caminho da Luz, O Consolador, Roteiro, Palavras de Emmanuel, Pensamento e Vida, Encontro Marcado, Vida e Sexo e Rumo Certo, propõem reflexões a respeito dos problemas do homem, mensagens de consolo, dentre outros assuntos.





Expediente

Fundada em 21 de janeiro de 1883

Fundador: **Augusto Elias da Silva**

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão

Ano 126 / Abril, 2008 / N° 2.149

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Diretor: NESTOR JOÃO MASOTTI

Diretor-substituto e Editor: ALTIVO FERREIRA

Redatores: AFFONSO BORGES GALLEGOS SOARES, ANTONIO

CESAR PERRI DE CARVALHO, EVANDRO

NOLETO BEZERRA E LAURO DE OLIVEIRA SÃO THIAGO

Secretário: PAULO DE TARSO DOS REIS LYRA

Gerente: ILCIO BIANCHI

Gerente de Produção: GILBERTO ANDRADE

Equipe de Diagramação: SARAI AYRES TORRES, AGADYR

TORRES E CLAUDIO CARVALHO

Equipe de Revisão: MÔNICA DOS SANTOS E WAGNA

CARVALHO

REFORMADOR: Registro de publicação

n° 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polí-

cia Federal do Ministério da Justiça),

CNPJ 33.644.857/0002-84 • I. E. 81.600.503

Direção e Redação:

Av. L-2 Norte • Q. 603 • Conj. F (SGAN)

70830-030 • Brasília (DF)

Tel.: (61) 2101-6150

FAX: (61) 3322-0523

Departamento Editorial e Gráfico:

Rua Souza Valente, 17 • 20941-040

Rio de Janeiro (RJ) • Brasil

Tel.: (21) 2187-8282 • FAX: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Home page: <http://www.febrasil.org.br>

E-mail: febrasil@febrasil.org.br

PARA O BRASIL

Assinatura anual **R\$ 39,00**

Número avulso **R\$ 5,00**

PARA O EXTERIOR

Assinatura anual **US\$ 35,00**

Assinatura de Reformador:

Tel.: (21) 2187-8264 • 2187-8274

E-mail:

assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Projeto gráfico da revista: JULIO MOREIRA

Capa: AGADYR TORRES PEREIRA

Sumário

4 Editorial

O Primeiro Centro Espírita

13 Entrevista: Marival Veloso de Matos

Centenário da União Espírita Mineira

16 Presença de Chico Xavier

Em louvor do livro – *Irmão X*

17 Livro Espírita – Alfredo Nora

21 Esflorando o Evangelho

Socorre a ti mesmo – *Emmanuel*

34 A FEB e o Esperanto

Jubileu centenário da Associação Universal de Esperanto –

Afonso Soares

42 Seara Espírita

5 A doutrina da reencarnação – Juvanir Borges de Souza

8 Mente e vida – Joanna de Ângelis

10 Da primeira Sociedade aos Centros Espíritas da atualidade – Antonio Cesar Perri de Carvalho

18 Caráter da Revelação Espírita – Christiano Torchi

22 A identidade histórica de *O Livro dos Espíritos* – Licurgo Soares de Lacerda Filho

23 Lançamento de livros em alemão e Seminário na Suíça

24 Cinquentenário do Lar Fabiano de Cristo – Momento sublime (Cárita) – A caridade e o amor (Fabiano de Cristo)

26 Revista Espírita e Sociedade Espírita de Paris – Orson Peter Carrara

28 Em dia com o Espiritismo – A dor física – Marta Antunes Moura

31 Cristianismo Redivivo – História da Era Apostólica – A fé transporta montanhas – Haroldo Dutra Dias

33 Fé e cultura – Emmanuel

36 Os outros em mim – Carlos Abranches

38 Identidade revelada após 150 anos – General X... – Enrique Eliseo Baldovino



Editorial

O Primeiro Centro Espírita

Durante vários anos, especialmente a partir de 1975, os Centros Espíritas foram estudados pelos representantes do Movimento Espírita, em nível estadual, nacional e internacional. A conclusão desse estudo, que procurou ser o mais fiel possível às suas potencialidades, consta de textos que estão sendo divulgados pelos órgãos federativos, os quais observam:

“Os Grupos, Centros ou Sociedades Espíritas:

- são núcleos de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, praticados dentro dos princípios espíritas;
- são escolas de formação espiritual e moral, que trabalham à luz da Doutrina Espírita;
- são postos de atendimento fraternal para todos os que os procuram com o propósito de obter orientação, esclarecimento, ajuda ou consolação;
- são oficinas de trabalho que proporcionam aos seus freqüentadores oportunidades de exercitarem o próprio aprimoramento íntimo pela prática do Evangelho em suas atividades;
- são casas onde as crianças, os jovens, os adultos e os idosos têm oportunidade de conviver, estudar e trabalhar, unindo a família sob a orientação do Espiritismo;
- são recantos de paz construtiva, que oferecem aos seus freqüentadores oportunidades para o refazimento espiritual e a união fraternal pela prática do ‘Amai-vos uns aos outros’;
- são núcleos que se caracterizam pela simplicidade própria das primeiras casas do Cristianismo nascente, pela prática da caridade e pela total ausência de imagens, símbolos, rituais ou outras quaisquer manifestações exteriores;
- são as unidades fundamentais do Movimento Espírita.” *

Ao relacionarmos todas as possibilidades de realização dos Centros Espíritas e, mais ainda, a sua fundamental importância para o estudo, a divulgação e a prática da Doutrina Espírita, colocando-a ao alcance e a serviço de todos os seres humanos, estamos prestando uma singela homenagem ao primeiro Centro Espírita do mundo, criado pelo Codificador com o nome Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, exatamente há 150 anos, em 1º de abril de 1858.

Que os Centros Espíritas – “Postos Avançados” dos Espíritos superiores na Terra – possam continuar a prestar os seus nobres serviços em favor da construção do Mundo de Regeneração, para o qual estamos destinados.

*Fonte: Texto “Divulgue o Espiritismo”, aprovado pelo Conselho Federativo Nacional da FEB e pelo Conselho Espírita Internacional (CEI).

A doutrina da reencarnação

JUVANIR BORGES DE SOUZA

A Doutrina Espírita adota e ensina a reencarnação – a pluralidade das existências – como uma das leis naturais.

Na questão 166-b, de *O Livro dos Espíritos* (Ed. FEB), o Codificador indaga aos Espíritos reveladores, após obter esclarecimentos sobre a forma de depuração das almas: “A alma passa então por muitas existências corporais?”.

A resposta é peremptória, terminante, sobre a realidade das vidas sucessivas: “Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles”.

O ensino, seguido de outros esclarecimentos, não deixou dúvidas sobre a divina determinação da sucessividade das vidas corporais como forma de expiação e melhoramento progressivo de cada Espírito, lei que atinge toda a Humanidade.

É interessante assinalar que Allan Kardec, que antes das explicações dos Espíritos reveladores não aceitava a pluralidade das existências, modificou, desde então, sua opinião, passando a admitir a necessidade da reencarna-

ção como uma das leis naturais ou divinas necessárias à evolução do Espírito imortal.

Prova cabal do imediato convencimento do Codificador, diante das explicações recebidas, são seus comentários formulados em aditamento à questão 171 da obra básica da Doutrina, nos quais expressa sua convicção sobre a justiça de Deus, ao determinar a sucessividade da vida corporal, enquanto necessária ao aperfeiçoamento do ser espiritual.

São palavras do Codificador:

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provas da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, *o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.*

.....
A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que

pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgataremos os nossos erros por novas provas. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

Pelo ensino dos Espíritos, as diversas existências nem sempre ocorrem todas no mesmo mundo material.

As almas podem reencarnar em um mesmo globo material, como a Terra, ou podem passar de um mundo para outro.

O que determina a necessidade das reencarnações, seja em um mesmo, ou em diferentes mundos, é o imperativo da evolução, do progresso, lei divina aplicável a todos os Espíritos, como uma das determinações da Justiça Divina.

A crença nas existências sucessivas não é exclusividade do Espiritismo. Foi admitida, sob formas diversificadas, desde a mais remota antiguidade, por doutrinas espiritualistas de diversos povos, ou por personalidades eminentes, que se destacaram pelas suas idéias.

Os ensinamentos do Cristo, embora não tenham explicitado a doutrina reencarnacionista como a

entendemos na atualidade, deixaram referências ao renascimento do Espírito em diversos relatos evangélicos, como é do conhecimento dos espíritas.

Entretanto, o Cristianismo dos homens, as Igrejas Romana, Oriental, e as resultantes da Reforma não aceitam as vidas sucessivas.

Admitindo a criação da alma no momento do nascimento e diante das desigualdades morais, intelectuais e sociais dos indivíduos, evidenciando uma injustiça flagrante às criaturas, formularam as igrejas e outras religiões, da atualidade e do passado, idéias que se contrapõem inteiramente à Justiça Divina: o inferno eterno, ou o céu de delícias, também eterno, como conseqüências irrecusáveis de uma vida na Terra, que se alonga por algumas décadas, ou se limita a dias ou poucos anos.

A incoerência dos ensinamentos das religiões é flagrante e foi percebida pelos pensadores independentes, no decorrer dos séculos.

A preocupação com a origem e o destino da criatura humana vem desde as eras mais recuadas.

Religiões e filosofias, as mais antigas e as atuais, interessaram-se por esse problema que, somente com as revelações do Consolador, prometido e enviado pelo Cristo de Deus, ficou esclarecido em suas múltiplas faces.

Foram necessárias, entretanto, ao lado do progresso da Humanidade, sob diversos aspectos, as revelações da Espiritualidade superior, essenciais à elucidação de questões transcendentais, como

as que dizem respeito às vidas sucessivas.

Se pesquisarmos o histórico de vários povos antigos, vamos encontrar a questão da palingenesia formulada de diferentes formas, de conformidade com o entendimento de determinados grupos humanos e as idéias de alguns filósofos e pensadores.

Na Índia, desde tempos longínquos, a pluralidade das existências era entendida com bastante aproximação da realidade, o que ocorre até os dias atuais.

No *Bhagavad Gita* e nos *Vedas* encontram-se citações e referências que não deixam dúvida sobre a percepção que os hindus tinham e ainda têm sobre a reencarnação.

Na Pérsia antiga, o Masdeísmo dava ao povo uma noção bem realista das vidas sucessivas, para a redenção de todas as criaturas humanas.

Entre os hebreus, a idéia do renascimento das almas encontrase veladamente admitida no *Velho Testamento*, especialmente nos escritos de alguns profetas.

Mas nos Evangelhos há referências explícitas em algumas passagens, como a resposta de Jesus aos seus discípulos, a respeito da volta de Elias: “Elias já veio e não o reconheceram, antes fizeram-lhe tudo o que quiseram”. (Mateus, 17:12.)

O comentário do Evangelista é que os discípulos compreenderam que o Mestre se referia a João Batista, como Elias reencarnado.

Outra passagem clara, registrada no Evangelho de João (3:3), é a resposta de Jesus a Nicodemos, que

os espíritas conhecem bem, por ser muito citada: “Em verdade, em verdade vos digo, ninguém verá o reino de Deus, sem nascer de novo”.

Por mais que se procure interpretar as palavras do Mestre Jesus em outros sentidos figurativos, como o fazem os seguidores de religiões que não admitem a reencarnação, a expressão “nascer de novo” é peremptória, decisiva, para caracterizar um renascimento novo do ser, máxime atentando-se na circunstância de que Jesus não desconhecia uma crença comum a vários povos antigos, inclusive, o hebreu.

Por isso, diante da dúvida de Nicodemos, que objetou:



“Como pode ser isso?”, o Mestre respondeu: “Tu és mestre de Israel e não sabes isso?” (João, 3:9-10).

Certo é que existiam, nas sociedades antigas, ensinamentos ocultos ao comum dos homens, mas conhecidos e aceitos pelos iniciados. A crença na imortalidade da alma e nas vidas sucessivas eram ensinamentos cultivados, independentemente da aprovação dos detentores dos poderes constituídos.

Na Grécia, Pitágoras tomou conhecimento da sucessividade dos renascimentos das almas, em suas viagens à Pérsia e ao Egito, introduzindo essa crença em sua pátria.

Mas, entre os gregos, não podemos omitir a doutrina de Sócrates e Platão, considera-

dos, com justa razão, precursores do Cristo e do Espiritismo.

Na “Introdução”, item IV, de *O Evangelho segundo o Espiritismo* (Ed. FEB), peça notável que os seguidores da Doutrina Consoladora devem reler sempre, por seus esclarecimentos importantes, o Codificador refere-se aos dois filósofos gregos como verdadeiros “precursores da idéia Cristã e do Espiritismo”.

Acrescenta Kardec que Sócrates, assim como Jesus, o Cristo, nada deixaram escrito: “[...] Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão. [...]”.

Os romanos receberam a influência dos gregos, especialmente no que se refere aos conhecimentos e às crenças.

No poderoso império, pelo menos dois nomes se destacaram na aceitação da idéia reencarnacionista: Virgílio e Ovídio.

Nas Gálias, território da França atual, a religião dos druidas ensinava a existência de Deus e a crença nas vidas sucessivas.

Vale recordar que o Codificador da Doutrina dos Espíritos, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, viveu entre os druidas, com o nome Allan Kardec, conforme lhe foi revelado, o que lhe inspirou a idéia de adotar, como pseudônimo, seu antigo nome, o qual ficaria ligado, para sempre, à Doutrina Consoladora.

No período da Idade Média, a longa noite de mil anos, quando o

mundo Ocidental foi dominado pela poderosa Igreja Católica Romana, a doutrina palingenésica, ou das vidas sucessivas, foi proscrita e praticamente esquecida. Somente algumas sociedades secretas transmitiam oralmente esse conhecimento tradicional de uma realidade que acompanha a Humanidade desde tempos imemoriais.

Nem a divisão da Igreja, com a separação da Igreja Oriental, nem a Reforma iniciada por Martinho Lutero e que resultou nas Igrejas Protestantes, espalhadas pelo Ocidente, favoreceram a aceitação da doutrina reencarnacionista, que ficou adstrita às antigas religiões e filosofias orientais (Índia) e aos iniciados em ciências ocultas, que sempre existiram.

Somente com a conquista da liberdade de pensamento e de expressão, cujo símbolo maior é a Revolução Francesa, nos fins do século XVIII, tornou-se possível a propagação das idéias, das verdades e dos conhecimentos, aos quais se opunham os poderosos.

Por isso é que a sabedoria do Cristo só determinou a vinda do outro Consolador, que podemos identificar na Doutrina dos Espíritos, na época apropriada – meados do século XIX – para ficar definitivamente com os homens que tiverem olhos e ouvidos para percebê-lo e dele fazerem a orientação para suas vidas.

Deste modo, sejam quais forem as provas em nossas vidas, agradeçamos a Deus por suas leis justas, entre as quais se insere a reencarnação. ■

Mente e vida

A usina mental é possuidora de inimaginável poder gerador de energia, mantendo-a neutra até o momento em que o Espírito a movimenta, conforme as aspirações que agasalha e o direcionamento que lhe compraz.

Conhecido, esse poder, desde épocas imemoriais nas civilizações do Oriente, apresentava-se então revestido de mistério nas cerimônias religiosas, produzindo fenômenos que deslumbravam as massas.

Para bem canalizá-lo, surgiram os cultos e as doutrinas esotéricas, que estabeleceram regras de comportamento e técnicas para a sua aplicação, mediante cujas práticas, depois de largo período de iniciação, elegiam os seus sacerdotes, que se responsabilizavam pela condução dos povos.

Entre as culturas primitivas, os xamãs encarregavam-se de aplicar os valiosos recursos mentais, que conseguiam identificar neles próprios, abrindo espaço para as comunicações espirituais que comprovaram a imortalidade da alma. Tornaram-se, desse modo, muito importantes nos grupos sociais, nos quais mourejavam.

Não existe um povo no qual, nas raízes de sua origem, a mente

não tenha sido responsável pelo seu desenvolvimento e progresso.

Todos os grandes líderes religiosos do passado, nos primórdios das civilizações, porque mais evoluídos do que os seus concidadãos, aos quais orientavam, utilizaram-se da energia mental para lograr êxito nos cometimentos a que se entregavam.

Com Jesus, porém, esse poder atingiu o clímax, em razão da Sua superioridade moral e grandeza espiritual de Governador do planeta terrestre, demonstrado nos notáveis momentos da multiplicação dos pães e dos peixes, da tempestade acalmada no mar da Galiléia, da pesca *milagrosa*, das curas extraordinárias, da visão a distância, da precognição em torno do Seu martírio, dos acontecimentos futuros, do fim dos tempos...

Depois dEle, ao largo dos séculos, homens e mulheres superiores espiritualmente ao biótipo comum, aplicaram essa força poderosa de maneira edificante e salutar, logrando demonstrar que o ser humano é o seu pensamento.

De Mesmer a Allan Kardec, passando por eminentes estudiosos da energia mental, pôde-se constatar que a vida se expressa no mundo objetivo, conforme o

direcionamento dessas grandiosas forças.

Nada obstante, graças ao conhecimento do cérebro, cada dia mais desvendado pelas neurociências, vêm sendo identificadas as áreas onde se sediam esses campos de força que, bem conduzidos, *moverão montanhas...*

O conceito de Jesus acerca da fé, que é capaz de todas as realizações, centraliza-se na dinâmica da energia mental. Ter fé representa possuir a coragem de lutar em favor da concretização daquilo a que se aspira e entregar-se em confiança aos resultados que serão alcançados.

O brocardo popular, que estabelece o *querer é poder*, possui validade incontestável, porquanto a aspiração, quando carregada da energia mental, culmina por concretizar aquilo que anela.

A princípio, as fórmulas de controle mental passaram de geração a geração envoltas em enigmas, a fim de não serem entendidas pelos não iniciados, os exotéricos.

À medida que a cultura adquiriu cidadania e as doutrinas psicológicas aprofundaram a investigação na psique, mais fácil se fez o entendimento e a aplicação dessas fabulosas energias.

Mente é também vida.

Todos nos encontramos mergulhados no pensamento exteriorizado pela Mente Divina, que tudo orienta e conduz com segurança, desde as colossais galáxias às micropartículas.

Conforme penses, assim viverás.

Se te permites o pessimismo contumaz, permanecerás na angústia, a um passo da depressão.

Se anelas pela felicidade, já te encontras fruindo as bênçãos que dela decorrem, como prenúncio do que alcançarás mais tarde.

Se delineias sofrimentos para a existência, sob o conceito da aflição que agasalhas, a jornada terrestre ser-te-á assinalada pelo sofrimento.

Se reflexionas em torno do bem-estar e da alegria de viver, mesmo que ocorram acidentes de percurso em forma de dor, desfrutarás de mais tempo de contentamento do que de aflição.

Se projetas insucesso pelo caminho, seguirás uma trilha assinalada pelo fracasso elaborado pelo teu próprio pensamento.

Se arrojas em direção do futuro o êxito, encontrá-lo-ás à tua espera, à medida que avances no rumo dos objetivos superiores.

A mente produz aquilo que o pensamento direciona.

A abundância da Vida encontra-se em toda parte do Universo, assim como a paz e a saúde, porque procedem de Deus, o Criador.

Igualmente, vastas faixas de infelicidade e de dissabores são sustentadas pelas mentes conflitivas e negativistas que as originaram e as preservam.

É necessário, portanto, pensar-edificando o bem, a fim de que o bem se edifique nos teus sentimentos.

O Evangelho de Jesus é fonte inexaurível de alegria e de satisfações emocionais, de auto-realizações e de felicidade.

Aborda, também, é claro, o sofrimento, o martírio, não porém de maneira masoquista, mas sim, como recursos de libertação das mazelas anteriormente armazenadas, facultando a conquista da harmonia interior e propiciando a perfeita vinculação com Deus.

Pensa, portanto, de forma saudável, edificante, e receberás as altas cargas de estímulos que procedem das faixas nobres da vida, através do pensamento.

Vivencia as experiências provocacionais dolorosas com o pensamento em harmonia, sem deixar que o dissabor e o desalento

tomem conta das tuas paisagens mentais, e ser-te-ão menos penosas as horas de purificação.

Ninguém transita no mundo físico sem a experiência de algum tipo de sofrimento, porquanto este é um *planeta de provas e de expiações* e não o paraíso, onde a dor e o desespero não vigem, não se apresentam sequer.

A maneira, porém, de vivê-lo é que o tornará razão de desdita ou de satisfação, em face da perspectiva de próxima libertação.

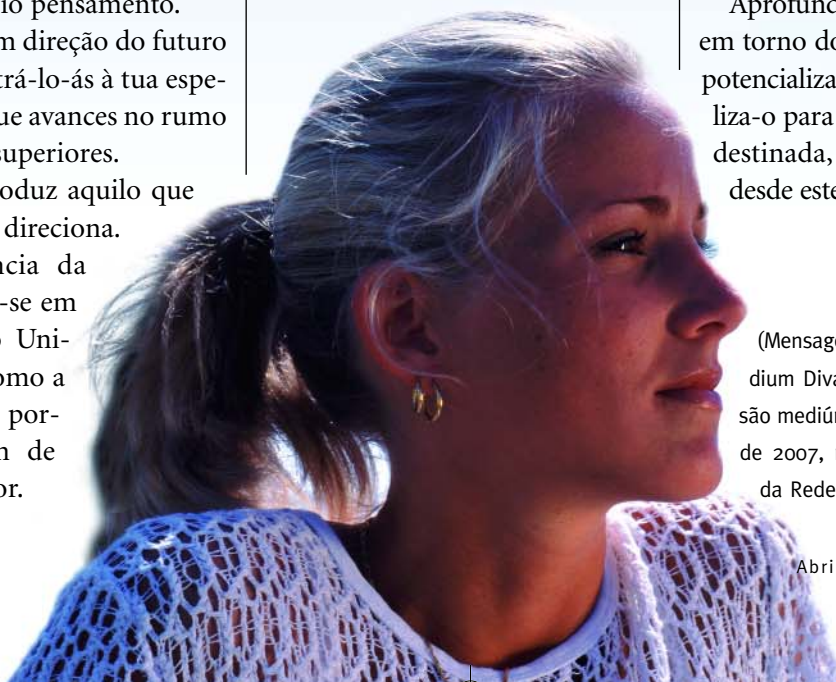
Quando Jesus afirmou que Ele e o Pai são Um, demonstrou que, na Sua perfeita sintonia com a vontade de Deus, mergulhara totalmente no projeto que fora desenhado para a Sua existência entre as criaturas da Terra, sem queixa ou mal-estar.

Quando consigas, por tua vez, entregar-te ao amor e vivê-lo em totalidade, poderás assinalar, qual o fez o apóstolo das gentes: *Já não sou eu que vivo, mas o Cristo que vive em mim.*

Aprofunda, portanto, reflexões em torno do pensamento, deixa-te potencializar pela sua força e canaliza-o para a felicidade que te está destinada, e a experimentarás desde este momento.

Joanna de Ângelis

(Mensagem psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão mediúnica da noite de 20 de junho de 2007, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)



Da primeira Sociedade aos Centros Espíritas da atualidade

ANTONIO CESAR PERRI DE CARVALHO

Após o lançamento de *O Livro dos Espíritos* foi intenso o interesse pela Doutrina nascente. Allan Kardec foi muito procurado por aqueles que queriam conhecê-lo pessoalmente e com ele trocar idéias.

O Codificador já realizava reuniões às terças-feiras, há seis meses, em sua residência, na rua dos Mártires, 8, em Paris. No início, ali compareciam de 8 a 10 pessoas, chegando, às vezes, até 30, movidas pelo desejo de conhecer o Espiritismo e o próprio Kardec. Este e seus companheiros chegaram à conclusão de que deveriam organizar uma sociedade, o que se efetivou com a fundação, em 1º de abril de 1858, da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), que começou a funcionar na galeria de Valois, no Palais-Royal. Um ano depois e até 1º de abril de 1860 a SPEE realizou suas sessões numa outra ala do mesmo edifício, em salão do restaurante Douix, na galeria Montpensier. A partir desta última data, a Sociedade passou a funcionar

em sede própria, na passagem Sainte-Anne, na rua Sainte-Anne, 59.¹

Allan Kardec divulgou muitas informações sobre a SPEE nas páginas da *Revista Espírita*, adaptando-as depois, em forma de orientações para reuniões, em capítulos de *O Livro dos Médiuns*, onde também transcreve o “Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”.²

A SPEE foi um autêntico laboratório, viabilizando a experiência com atividades espíritas valiosas para o Codificador e, sem dúvida, ponto de referência para os interessados na novel Doutrina Espírita.

Quase no final de sua jornada física, inclui na *Revista Espírita*³ interessante matéria intitulada “Estatística do Espiritismo”. O Codificador destaca que “do ponto de vista da difusão das idéias espíritas, e da facilidade com que são aceitas, os principais Estados da Europa podem ser classificados como se segue:

1º França. – 2º Itália. – 3º Espanha. – 4º Rússia. – 5º Alemanha

[...]” (destacamos os cinco primeiros). Kardec realiza o primeiro estudo sobre a “proporção relativa dos espíritas”, analisando vários fatores e as categorias em que “[...]o Espiritismo encontrou, até hoje, mais aderentes”.

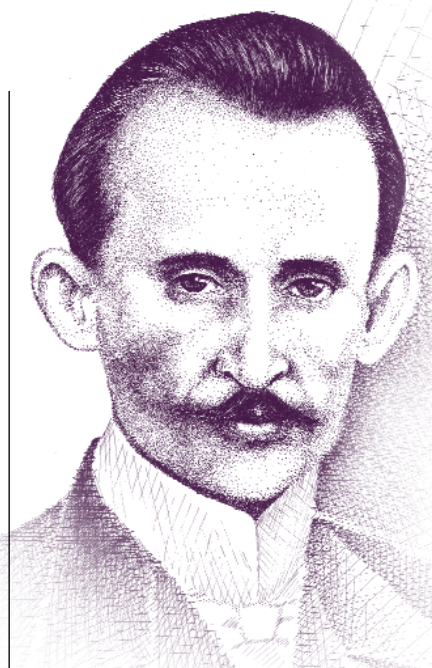
O trabalho de difusão das idéias espíritas também se concretizou com as viagens feitas pelo Codificador à França e Bélgica, dirigindo-se, entre outros, aos espíritas de Lyon, Bordeaux, Tours, Antuérpia e Bruxelas.

Léon Denis, que conheceu Kardec durante visita deste a Tours, em 1862, e depois esteve com ele em mais duas oportunidades no ano de 1867,⁴ veio a se transformar no grande divulgador do Espiritismo e consolidador do Movimento Espírita francês, visitando inúmeros grupos espíritas e neles fazendo palestras. O Espiritismo se firmou em várias localidades francesas. Léon Denis considerou que “Lyon é a muralha do Espiritismo”. Esta cidade chegou a possuir uma creche espírita fundada em 1903.⁵

Ao chegar em nosso país, a nascente Doutrina encontrou abrigo inicial na primeira instituição – o “Grupo Familiar do Espiritismo” (Salvador, 1865) – e depois na cidade do Rio de Janeiro com o Grupo Confúcio (1873), a Sociedade de Estudos Espíritas “Deus, Cristo e Caridade” (1876), o Grupo Espírita Fraternidade (1880), o Grupo Ismael (1880) e a própria Federação Espírita Brasileira (1884). Seguiram-se fundações de grupos espíritas em vários Estados do País e trabalhos pioneiros como os de Antônio Gonçalves da Silva (Batuíra), Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, entre outros.

Durante as comemorações do Primeiro Centenário de Nascimento de Allan Kardec, promovidas pela FEB, no Rio de Janeiro, de 3 a 5 de outubro de 1904, com a participação de representantes de várias instituições espíritas do Brasil, foi aprovado o documento “Bases de Organização Espírita”, primeira orientação voltada à criação de associações espíritas nas capitais de todos os Estados, para o estudo e a propagação da Doutrina, e a união de todos os núcleos.

Nas primeiras décadas do século XX, graças à árdua dedicação de pioneiros, que difundiriam a Doutrina, concretizando ações sociais, de certa forma inspirados na experiência do trabalho da “Assistência aos Necessitados” da FEB, o Movimento Espírita se desenvolveu e conquistou espaços junto à população e



Eurípedes Barsanulfo fundou, em 2 de abril de 1907, o Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Minas Gerais

o respeito de autoridades governamentais.

Esses traços iniciais das instituições espíritas do Brasil foram identificados inclusive por estrangeiros. No ano de 1941, Gabriel Gobron anotou em *Le Fraterniste*, após visitar nosso país: “[...] à frente do mundo no tocante à organização espírita de assistência pública vem o Brasil. Não há Centros Espíritas que não tenham ou cuidem de ter uma assistência aos necessitados. O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação [...] e o Brasil e seus espíritas são pobres!”⁶

Em meados do século XX, as obras psicográficas e o trabalho de Francisco Cândido Xavier provocaram impacto significativo na consolidação e na expansão do Movimento Espírita brasileiro. Tal fato se intensificou a partir dos anos

1960, com a presença do referido médium na televisão.

A essa altura, já existiam propostas de incentivo ao estudo e aos cursos de Espiritismo, alimentadas principalmente pelas então chamadas Mocidades Espíritas, notadamente em eventos regionais, estaduais e nacional, como foi a I Confraternização de Mocidades e Juventudes Espíritas do Brasil (Marília, SP, 1965). Experiências pioneiras de cursos eram levadas a efeito por instituições de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná. Importante reforço surgiu em 1983, com a aprovação pelo Conselho Federativo Nacional da FEB da “Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita”.

A tendência de aumentar-se a procura pelos centros espíritas, a



Teles de Menezes foi o fundador da primeira Instituição Espírita do Brasil, em Salvador, 1865



Anália Franco

partir dos “Pinga-Fogos” na TV, com Chico Xavier, gerou a preocupação sobre algumas aparentes distorções e obstáculos à organização doutrinária dos centros: ações de assistência social apenas com a materialização da caridade e a mediunidade como fim, poderiam comprometer as bases do Movimento Espírita. Seria importante o fortalecimento em bases kardequianas e a divulgação pelo livro.

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE) produziu significativos instrumentos de difusão e orientação, tais como a “Campanha Comece pelo Começo” e a “Carta aos Centros Espíritos”.

No final dos anos 1970, as Entidades Federativas Estaduais, que integram o Conselho Federativo Nacional da FEB, aprovaram o texto “A adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades” na Reunião de 1ª a 3 de outubro de 1977, com base nas Conclusões dos Conselhos Zonais. (out./1975 a abr./1977). Em seguida, numa continuidade de aprofundamento de estudos ao longo

de suas Reuniões Zonais (1978-1979), e na sua Reunião Plenária, em julho de 1980, o CFN aprovou o texto “Orientação ao Centro Espírita”, que passou a ser um marcante subsídio orientador para as instituições espíritas do País.

Depois de quase três décadas, o referido documento foi reanalisado com base em sugestões apresentadas pelas Entidades Federativas Estaduais, discutido em Comissões Regionais do CFN é, finalmente, aprovado um texto atualizado e ampliado na Reunião do CFN de 2006, sendo lançado por ocasião do 2º Congresso Espírita Brasileiro. Desta maneira, “a título de sugestão e de subsídio, ofe-



Pinga-Fogo: programa de entrevistas com Chico Xavier

rece orientações e material de apoio, elaborados e disponibilizados pelos órgãos federativos e de unificação do Movimento Espírita, para as atividades dos Centros e demais instituições espíritas, visando facilitar as tare-

fas de seus trabalhadores, no encaminhamento de assuntos doutrinários, administrativos, jurídicos e de unificação”.⁸

Em nossos dias, o Movimento Espírita brasileiro conta com mais de doze mil instituições em funcionamento. Cento e cinquenta anos após a publicação de *O Livro dos Espíritos* e da fundação do primeiro Centro Espírita do mundo, há conquistas evidentes e, sem dúvida, grandes responsabilidades. De forma amadurecida e com elaboração coletiva, dispõe-se de oportunos materiais de orientação e de apoio à ação espírita. ■

Referências:

¹WANTUIL, Zêus.; THIESEN, Francisco.

Allan Kardec: pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação. v. III. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 1, item 3, Société Parisienne des Études Spiritiques.

²KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XXX.

³_____. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. (Trad. Evandro Noleto Bezerra). Ano XII (1869). 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. “Estatística do Espiritismo”, p. 21-22.

⁴LUCE, Gaston. *Vida e obra de Léon Denis*. (Trad. Miguel Maillat). São Paulo: Edicel, 1968. Cap. 1.

⁵PONSARDIN, Mickaël. *Le spiritisme à Lyon*. Marly-le-Roi: Philman, 2004. p. 5, 105-106.

⁶CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. *Espiritismo e modernidade*. São Paulo: USE, 1996. p. 56-57.

⁷_____. *Estão os centros espíritas preparados para receber grandes massas humanas?* Matão: O Clarim, 15/5/1975. p. 6-7.

⁸*Orientação ao centro espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. 4ª capa.

Entrevista

MARIVAL VELOSO DE MATOS

Centenário da União Espírita Mineira

Marival Veloso de Matos, presidente da União Espírita Mineira, analisa o Movimento Espírita de seu Estado, com destaque para os 100 anos da Federativa Estadual

Reformador: *Qual sua visão sobre as novidades no Movimento Espírita?*

Marival: Somos conscientes de que ser um tarefeiro da imensa Seara do Cristo, onde os trabalhadores ainda são poucos, representa, antes que tudo, a extrema bondade do Pai em favor de todos, certos de que “servir se situa como a melhor maneira de ganhar”. No sentido de nos adaptarmos ao moderno, na sua expressão mais autêntica, sem perdermos o foco da evolução, tomemos por base esta Revista, permita-me o nobre entrevistador. Nas últimas décadas tem ela passado por modificações profundas, atualizando-se quanto à elaboração, visando atender ao leitor no tocante à melhoria gráfica, mas sem abrir mão do seu conteúdo doutrinário. Em razão disso, faz-se necessário que nos estructuremos adequadamente,

evitando que, de forma afoita, o tradicional e outros reais valores sejam sepultados. Neste ponto, a cautela e o bom senso têm que estar presentes. É imperioso, sim, buscarmos a atualização, mas sem perder o foco, as bases do simples, do autêntico. Em termos práticos, referimo-nos ainda ao fato de não nos distanciarmos do respeito, da

convivência fraterna, do amor ao próximo.

Certa feita, um radialista indagou a Chico Xavier: “Não corremos o risco de ficar defasados com relação ao avanço científico, se permanecermos preocupados apenas com a Consolação?”. Chico Xavier respondeu com a cautela e presteza que lhe eram peculiares, mas bastante incisivo: “Se praticarmos oitenta por cento de amor ao próximo e vinte por cento de tecnologia, é o quanto basta”.

Para que não venhamos a cometer equívocos, será sempre oportuno saber discernir o que é Movimento Espírita, do que seja Doutrina Espírita. Movimento Espírita, o próprio nome diz: é a dinâmica, o *modus vivendi* que realizamos a fim de que o Espiritismo seja divulgado, por meio dos recursos de que dispomos, inclusive e principalmente pelo exemplo, uma vez que o verdadeiro espírita deve ser reconhecido “pela sua transformação moral e pelos esforços que



emprega para domar suas inclinações más”, como ensina Allan Kardec. Doutrina Espírita é esse arcabouço, esse monumento formado pela sublime trilogia Ciência, Filosofia e Religião, que a Codificação kardequiana nos oferece. O Movimento Espírita, por força das mais variadas tendências de natureza cultural ou regional, apresenta características diferenciadas no modo de ser posto em prática. O ideal, todavia, é que a conceituação espírita-cristã seja a mesma em toda parte. Às vezes insinuamos defasagem na estrutura doutrinária espírita. Na verdade, isso ocorre porque nossos estudos têm sido periféricos e superficiais.

Reformador: *Como está o Movimento Espírita em Minas Gerais?*

Marival: Nossa Federativa, por força das dimensões relativamente avantajadas do território mineiro, tem tido a responsabilidade de cobrir áreas imensas, com fronteiras longínquas. Por isso, a setorização que se convencionou implantar através do 3º Congresso Espírita Mineiro, além de outras resoluções, representou um avanço altamente positivo. Posteriormente, a partir do 77º Conselho Federativo de Minas Gerais (COFEMG), criaram-se as Comissões Regionais sob a inspiração das Comissões Regionais do Conselho Federativo Nacional da FEB. Pode-se considerar que novo vigor, novo alento foi dado às atividades relacionadas ao Movimento. O mérito está em se saber administrar tais diferenças, fazendo com que, apesar delas,

prossigamos pondo em prática os ensinamentos de Jesus e Kardec, recordando com Emmanuel: “Jesus, a porta. Kardec, a chave”. Fazemos também nossa homenagem e momento de saudade. Entre setembro e novembro do ano passado, retornaram à Pátria Maior dois dos mais valerosos companheiros espíritas, molas mestras, lididamente integrados ao Movimento Espírita federativo. Referimo-nos aos sempre queridos Martins Peralva e Honório de Abreu. Se por um lado deixaram um vazio imenso, por outro souberam nos legar patrimônio incomensurável de dinamismo, de realizações e de sublimados exemplos.

Reformador: *No momento, quantos centros espíritas estão integrados à União Espírita Mineira?*

Marival: Em nosso Estado as casas espíritas se inscrevem nas Alianças Municipais Espíritas que, por região, formam os Conselhos Regionais Espíritas, os quais aderem à UEM, conforme estrutura aprovada no já mencionado 3º Congresso Espírita Mineiro. No organograma que compõe o Movimento Espírita federativo, olhado da base para o cume, vamos encontrar cada Casa Espírita como a célula fundamental do Movimento. Para sermos mais objetivos na resposta à oportuna pergunta, informamos que, presentemente, através do Departamento de Assistência e Promoção Social Espírita, está se processando novo cadastramento junto às AMEs. Pelo último levantamento, chegavam a

1.200, mas estimamos que alcancem 1.400 instituições espíritas.

Reformador: *Quais são as principais comemorações pelo Centenário da União?*

Marival: Novamente tomamos a liberdade de mencionar nosso querido Honório de Abreu. Não há como abdicarmos de nos referir a ele, principalmente ao nos vir à lembrança o empenho, o carinho, o entusiasmo quando o assunto era relativo aos 100 anos da União Espírita Mineira. Entre as inúmeras providências comemorativas, duas se destacam sobremodo: a realização do IV Congresso Espírita Mineiro, programado para os dias 3 a 6 de abril do ano em curso. Este evento deverá ser um marco positivo para consolidar cada vez mais a convivência fraterna e amiga com o Movimento Espírita em nosso país, embora seja uma promoção de âmbito estadual. Pretendemos que o evento seja legítimo catalisador do que preconiza o tema central “Espiritismo: Amor e Educação”. Temos a esperança de que todos os Estados se farão representar. Todos foram convidados com muita convicção de nossa parte. Além do Congresso, daremos início à construção de nossa segunda sede, cujo projeto arquitetônico é simples, prático, mas bem original. Com a nova sede, o objetivo maior é oferecermos melhores condições de operacionalidade aos trabalhos federativos. A atual consiste na criação de um centro de referência onde existe rico acervo histórico e

cultural que ali será instalado; há de ser o local que haveremos de, pelos seus registros, memorizar todos quantos, desde Antônio Lima, o grande fundador, até o último, foram os consolidadores deste Centenário de luz. Será nossa maneira de, no mínimo, demonstrar nossa gratidão aos abnegados espíritas, pois muitos deles tiveram que enfrentar, com denodo e desprendimento, período épico em que a tribuna espírita lhes era a arma maior.

Reformador: *E os principais projetos programados e em execução para este ano?*

Marival: Além desses registros de vulto, outros ocorrerão através de publicações comemorativas, de simpósios, de feiras, da contínua e frequente presença da União no Interior, realizando cursos. Constituirá ainda ponto alto nas comemorações centenárias o encontro da Comissão Regional Centro do CFN da FEB nos dias 20, 21 e 22 de junho deste ano. O calendário contempla, também, neste ano-centenário, a VI Semana Espírita, Doutrina e Unificação e a participação da UEM no Encontro Nacional de Comunicação Espírita.

Reformador: *Como vocês sentem a atuação federativa em nível de Comissões Regionais e das Reuniões do CFN?*

Marival: Entendemos que a implantação das Comissões Regio-

nais representou um avanço incalculável no Movimento Espírita em nível de Brasil. Por quê? Porque se trata de uma “contaminação” altamente positiva, a partir de quando o CFN da FEB houve por bem interagir diretamente com as comunidades de todo o país, através de seus quadros diretivos, com humildade e presença carinhosa de seus pares, sem imposição, sem distanciamentos, mas, ao contrário, em total integração com espíritas de cada Estado, onde ocorrem os encontros, representando, para a região, um fato inacreditável. Os que nunca residiram no Interior, em pequenas cidades, talvez não saibam avaliar o quanto a representação espírita de um



Cartaz do IV Congresso Espírita Mineiro, programado para os dias 3 a 6 de abril em Belo Horizonte (MG)

outro Estado, sem mencionar o querido pessoal da FEB, valoriza e alegra os corações. Contar com irmãos de entidades federativas se faz oportuno, até porque o Movimento Federativo infelizmente ainda encontra resistências. Daí vermos na ação da interiorização, não só do CFN da FEB, mas igualmente das próprias Federativas Estaduais, a ação altamente eficaz e positiva, que proporciona desfazer esses mitos.

Reformador: *Qual mensagem deixa para os leitores de Reformador?*

Marival: No primeiro momento, agradecer a esta querida revista, veículo de significação positiva incalculável que, em nome de Jesus, por via da Doutrina dos Espíritos, esclarece e consola os lares brasileiros, nos mais aprofundados rincões, pela abençoada oportunidade de, modestamente, terem acesso às suas ricas páginas. Ao ensejo, rogar a Deus amparar e assistir o Mundo no sentido de que possamos suportar os obstáculos da caminhada, aprendendo a superá-los sem desânimo. Que possamos ver no livro espírita o manancial de luz de que carecemos. Que jamais estejamos inquietos por coisa alguma, como nos recomenda o admirado apóstolo Paulo. Que possamos fazer do Evangelho de Jesus nossa mais autêntica Constituição. ■



Presença de **Chico Xavier**

Em louvor do livro

Estranha você, meu irmão, que os Espíritos desencarnados façam coro com os intelectuais de nosso tempo, devotando-se à organização de livros que concorram no mercado das idéias e das letras e acrescenta:

– “Não precisamos de novos livros e sim de mãos e pés, consagrados à caridade positiva, a fim de que os famintos e os doentes, os desabrigados e os infelizes tenham alimento e remédio, casa e consolo”.

Francamente, não somos contrário ao seu programa.

Acreditamos, com o Apóstolo, que a fé sem obras é um cadáver bem adornado; entretanto, admitimos que você não é justo para com a sementeira da educação.

Que seria o mundo sem a bênção do livro? Existiria, acaso, qualquer civilização sem ele?

Veículo do pensamento, confia-nos a luz espiritual dos grandes orientadores do passado.

Graças a ele, Hermes e Moisés, Sócrates e Platão acham-se vivos na Terra, com a mesma sabedoria e com a mesma sublimidade do momento remoto em que passaram entre os homens.

Reporta-se você, muitas vezes, ao necessário movimento da piedade cristã; contudo, que seria do Cristianismo sem o Evangelho registrado em caracteres de forma?

Realmente, o nosso Divino Mestre, segundo recorda a sua palavra conselheiral, não escreveu qual-

quer pergaminho destinado à posteridade; no entanto, não parece haver desconhecido o valor do ensinamento repetido e multiplicado. Não foi o próprio Jesus que recomendou, certa vez, aos aprendizes: “Ide e pregai o Evangelho a todas as nações”?

Diz você, com veemência e austeridade:

– “Cristo não necessita de propaganda. Cristianismo é caridade”.

Que a Boa Nova é amor santificante, em ação, não duvidamos; mas, ao que se nos afigura, Jesus não subestimou a propaganda, quando esteve pessoalmente entre nós. Se efetivamente multiplicou os pães e os peixes no monte, se curou leprosos e cegos, obsidiados e paráliticos, em nenhuma circunstância menosprezou a pregação do Reino de Deus. Depois da Ressurreição, quando os trabalhos da caridade já funcionavam harmoniosamente em Jerusalém, ei-lo que volta das Esferas Celestiais, em pessoa. Para encher novos cestos de saborosa viança ou para transformar a água em vinho, satisfazendo aos caprichos do povo? Não. Regressava o Senhor, a fim de chamar Paulo de Tarso, nominalmente, para atender à extensão dos serviços evangélicos, comprometidos pelo acúmulo das obras de alimentação e assistência hospitalar.

E diga-se, com franqueza, com toda reverência aos demais componentes do colégio apostólico, que a Boa Nova não encontraria mais digno agente

de publicidade que aquele sincero e intransigente Doutor da Lei, convocado por Jesus, às portas de Damasco, para a distribuição ativa dos princípios salvadores.

É pelo concurso do livro que o Senhor e seus continuadores diretos se comunicam com os discípulos contemporâneos.

Através dos serviços gráficos, recebemos as interpretações renovadoras do ensinamento cristão para todos os climas culturais da atualidade. E não fosse a cooperação do livro, que seria da religião, da ciência, da filosofia, da política, da técnica industrial, da arte e da socialização?

O posto da caridade que alimenta e agasalha é, indubitavelmente, sublime; mas sem a colaboração direta e eficiente da escola que educa e aperfeiçoa, pode converter-se em tutela da ociosidade e do vício.

A sua imagem das mãos e dos pés, imprescindíveis à materialização do socorro fraterno, traz-me à

lembrança a necessidade de lâmpadas numerosas para as sombras da noite. Quando a treva se estende, é imperioso que as acendamos; mas, se não houver usina que as sustente, de que nos valeria a elevada expressão em que se alinham?

Quando a dor alonga os tentáculos da aflição sobre a vida, de que nos serviriam milhões de mãos e pés, sem equilíbrio, sem orientação adequada, sem ideal edificante ou sem estímulo ao bem?

Decididamente, você dispõe do amplo direito de proteger a benemerência pública, onde, como e quando você quiser; contudo, meu amigo, para ser caridoso também conosco, não menosca o nosso trabalho de educação pelo livro.

Irmão X

(Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier e reproduzida de *Reformador* de abril de 1952.)

Fonte: *Reformador*, abril de 1979, p. 9(125).

Livro Espírita

Livro espírita – alegria
Da verdade clara e boa,
Escola que aperfeiçoa,
Instrui, consola, auxilia...

Socorro – beneficia,
Refúgio – guarda e abençoa,
Ampara toda pessoa
Que à luz dele se confia.

Livro espírita – colmeia
De apelos à nova idéia,
Templo, lâmpada, charrua...

Onde serve de atalaia,
A morte recebe vaia
E a vida se perpetua.

Alfredo Nora

(Soneto recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião da Comunhão Espírita Cristã, na noite de 26/2/69, em Uberaba, Minas.)

Fonte: *Reformador*, abril de 2002, p. 9(103).

Caráter da Revelação Espírita

CHRISTIANO TORCHI

Este é um dos mais importantes temas para a compreensão correta da Doutrina Espírita, porque abrange a **estrutura teórica** da *Ciência da Alma* ou da *Ciência do Infinito*, que é o Espiritismo. Como este espaço não nos permite tratar do assunto com profundidade, esboçaremos algumas *noções básicas* que estimulem o leitor à pesquisa.

A Revelação Espírita tem por característica essencial a *verdade* e possui natureza *dúplice*: é *divina*, por um lado, porque a sua iniciativa é dos Espíritos superiores; é *científica*, por outro, porque a sua elaboração compete aos homens.

A Doutrina Espírita “[...] não foi ditada completa, nem imposta à crença cega; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. [...]”¹

“[...] o Espiritismo não é da alçada da Ciência”² porque esta refere-se às ciências ordinárias (Física, Química, Biologia etc.), que estudam os fenômenos puramen-

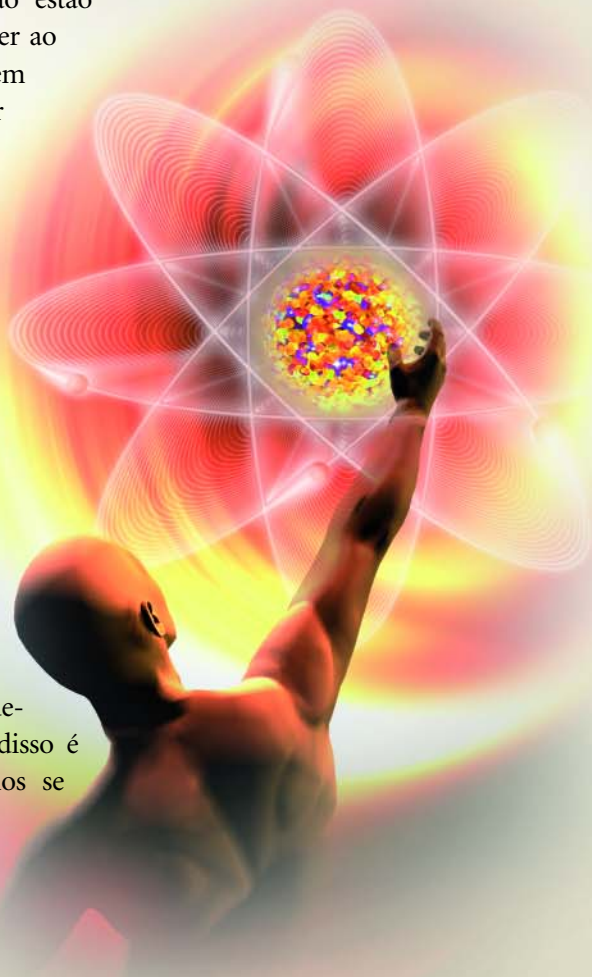
te materiais e tratam das propriedades da matéria, que se pode examinar e manipular livremente.

O Espiritismo, que tem base científica própria, “é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”³, cujos fenômenos repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e livre-arbítrio, as quais, geralmente, não estão dispostas a se submeter ao papel de cobaias nem permanecem ao sabor das exigências e dos caprichos dos investigadores humanos. Apesar de serem independentes, a Ciência e o Espiritismo se completam reciprocamente.

Embora tenha surgido em meados do século XIX, após o que, houve um espantoso surto de progresso científico, a Doutrina Espírita não está desatualizada. A razão disso é que os seus princípios se

encontram muito próximos do nível fenomênico,⁴ havendo atravessado incólume as radicais mudanças de *paradigma*⁵ ocorridas nas primeiras décadas do século XX.

Ademais, a revelação é gradual e apropriada ao estágio evolutivo da Humanidade. De Moisés ao Espiritismo, passando por Jesus, temos cerca de 4.000 anos de saga evolutiva, e ainda não superamos



totalmente os instintos animais que nos prendem à retaguarda, dos quais, muitas vezes, abusamos, por falta da necessária renovação moral, que exige profundas mudanças por meio da educação, que “*é o conjunto dos hábitos adquiridos*”.⁶

Não raro, vemos muitos dos modernos modelos da Física e de outras ciências sofrerem radicais revisões, todavia, “[...] a obra de Kardec constitui um genuíno *paradigma científico*, e esse paradigma representa, até hoje, a única diretriz segura ao longo da qual se podem desenvolver pesquisas científicas acerca dos fenômenos espíritas e do aspecto espiritual do ser humano em geral”.⁷ (Grifei.)

A **Metapsíquica** e a **Parapsicologia** malograram no seu propósito de interpretar os fenômenos psíquicos, porque tentaram realizá-lo fora do paradigma espírita, utilizando metodologia inadequada, pertinente às ciências ordinárias, mais centradas em aparelhos e em cálculos numéricos e estatísticas, quase sempre sujeitos a equívocos.

Sem prejuízo da utilização combinada, pela ciência espírita, dos métodos indutivo e dedutivo, preconizados pelas ciências positivas, a estabilidade dos fundamentos espíritas está garantida, também, pelo *ensino coletivo concordante dos Espíritos*, característica que confere grande

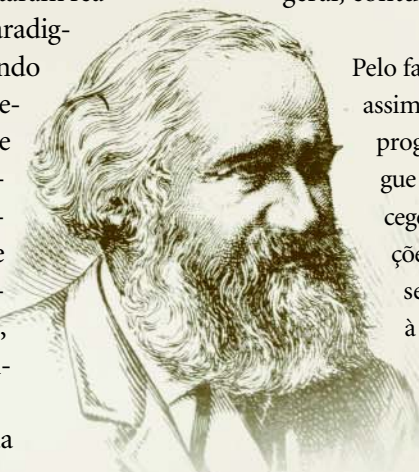
autoridade e força moral à Revelação Espírita, imprimindo-lhe marcadamente o caráter divino.

Como adverte Ademir L. Xavier Jr., inspirado em André Luiz, “[...] experimentações científicas detalhadas no campo espírita só podem ser feitas com a expressão colaboração do Plano Espiritual superior que, para isso, exige uma definitiva demonstração desses valores divinos em nós”.⁸ Não dá para fazer Ciência Espírita sem os Espíritos superiores.

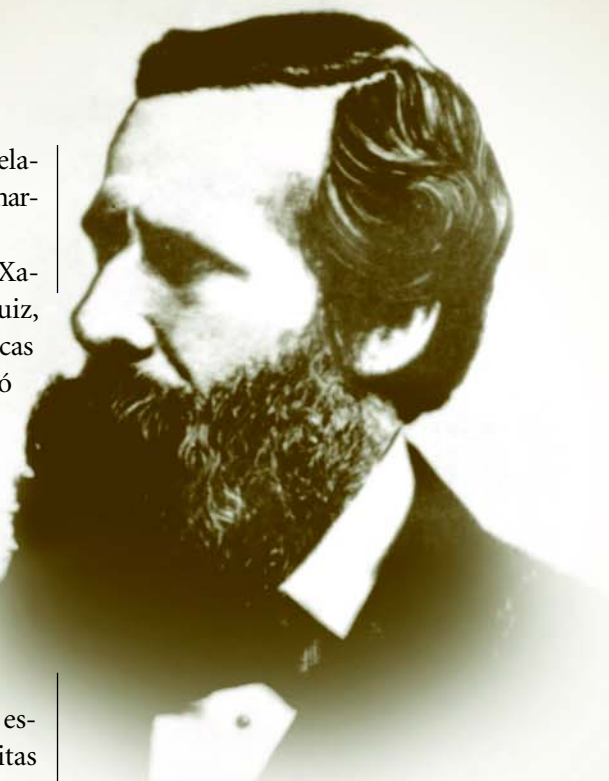
Ressalvem-se os legítimos esforços dos pesquisadores espíritas sinceros que, atentos ao avanço das ciências, procuram decifrar determinadas indagações que ainda se apresentam como desafiadores enigmas para os estudiosos em geral, contudo,

Pelo fato de o Espiritismo assimilar todas as idéias progressistas, não se segue que se faça campeão cego de todas as concepções novas, por mais sedutoras que sejam à primeira vista, com o risco de receber, mais tarde, um desmentido da experiência e de se expor ao ridículo de haver patrocinado uma obra inviável. [...] ⁹

Por isso, devemos nos espelhar em Kardec, que sempre se pautou com muita prudência, evitando adotar teses científicas prematuras.



Alexander Aksakof: grande pesquisador espírita

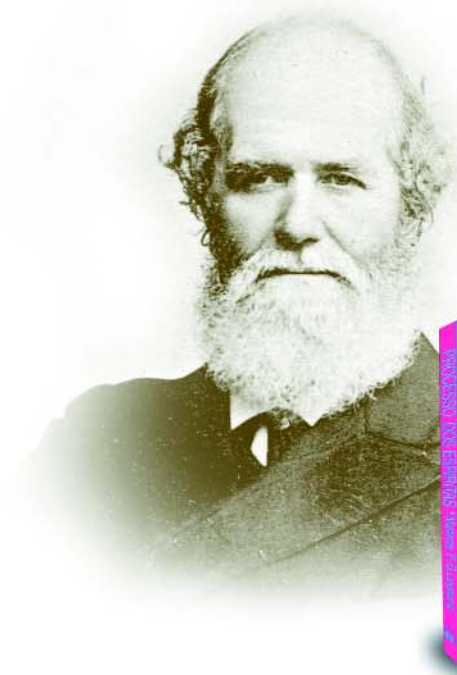


William Crookes realizou diversas experiências de materialização do Espírito Katie King através da médium Florence Cook (1872-1874)

O Espiritismo, não tenhamos dúvida, é chamado a desempenhar imenso papel na Terra, por meio de seus adeptos conscientes: “Na gênese dos males que afligem o homem e a Humanidade, permanece a ignorância” e “há muita angústia aguardando a contribuição espírita, e muita loucura necessitada de socorro espírita”.¹⁰

As revelações sempre obedecem a um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade. Sendo assim, é muito importante ter em mente a instrução dos Espíritos a Kardec: “não pedirdes ao Espiritismo senão o que ele vos possa dar”.¹¹

Serve-nos de grande alerta o caso do “Processo dos Espíritas”,¹² ocorrido logo após a desencarnação de Kardec, que, em virtude da invigilância de um médium, levou



Jesus é o nosso paradigma maior. Confiemos nele e sigamos o seu exemplo, fazendo a nossa parte, e tudo o mais virá por acréscimo.

Enfim, atendamos aos sagrados deveres que Ele nos designou para cada hora, perseverando até o fim, quando então poderemos, jubilosos e de consciência tranqüila, colher os frutos de nosso trabalho, em consonância com as leis da Criação Divina. ■

Leymarie: acusado injustamente no caso das “fotografias espíritas” relatado no livro *Processo dos Espíritos*

um inocente à prisão, no rumoroso caso das “fotografias espíritas”.

Eis um meio preventivo excelente para nos livrar das armadilhas da caminhada, para não sermos vítimas da mistificação, para não sermos ludibriados por nós mesmos nem pelos falsos profetas encarnados e da erraticidade:

[...] [o fim do Espiritismo] é o melhoramento moral da Humanidade; *se vos não afastardes desse objetivo*, jamais sereis enganados, porquanto não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, a que todo homem de bom senso pode admitir.

Os Espíritos vos vêm instruir e guiar no caminho do bem e não no das honras e das riquezas, nem vêm para atender às vossas paixões mesquinhas. [...] ¹³ (Grifei.)

Referências:

¹KARDEC, Allan. *A gênese*. 52. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. I, item 13.

²_____. *O livro dos espíritos*. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. “Introdução”, item VII, p. 36.

³_____. *O que é o espiritismo*. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. “Preâmbulo”, p. 55.

⁴As teorias fenomenológicas são erigidas a partir da observação empírica direta dos fatos, gozando, por isso, de alta estabilidade, o que já não ocorre com as teorias não-fenomenológicas (construtivas), que compõem, por exemplo, a maioria das teorias da Física e da Química, cujo alto grau de abstração reduz a segurança na formulação dos seus princípios.

⁵Sobre o paradigma e outros temas ligados ao Espiritismo e à Filosofia da Ciência, indicamos para consulta os seguintes artigos, de autoria do prof. Sílvio Seno Chibeni, todos publicados na revista *Reformador*: “O Paradigma Espírita” jun./1994. p. 20(176)-24(180); “A Excelência Metodológica do Espiritismo – I”, nov./1988, p. 12(328)-17(333), e Parte II, dez./1988, p. 25(373)-30(378); “O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso – Parte I”, ago./2003, p. 37(315)-

-41(319), Parte II, set./2003, p. 38(356)-41(359), e Parte III (final), out./2003, p. 39(397)-41(399); e “Questões acerca da natureza do Espiritismo – II – Revisão da terminologia espírita?”, ago./1999, p. 30 (250)-32(252), bem como: “Ciência Espírita”, do mesmo autor, publicada na *Revista Internacional do Espiritismo*, mar./1991, p. 45-52; “Polissemias no Espiritismo”, de Aécio Pereira Chagas, *idem*, *ibidem*, set./1996, p. 247-9; e “Ciência e Espiritismo: um alerta de Allan Kardec e André Luiz”, de Alexandre Fontes da Fonseca, *idem*, *ibidem*, out./2003, p. 476.

⁶KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 91. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 685-a, comentário de Kardec.

⁷CHIBENI, Sílvio Seno. “O Paradigma Espírita”. *Reformador*, junho de 1994. p. 20(176)-24(180).

⁸XAVIER JR., Ademir L. “Algumas considerações oportunas sobre a relação Espiritismo-Ciência”. *Reformador*, agosto de 1995. p. 24(244)-25(246).

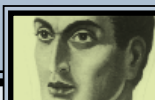
⁹KARDEC, Allan. *Revista espírita: jornal de estudos psicológicos*. Ano XI. Julho de 1868. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. “A geração espontânea e A Gênese”. p. 285-293.

¹⁰FRANCO, Divaldo P. *Reflexões espíritas*. Pelo Espírito Vizanna de Carvalho. Salvador: LEAL, 1991. “Hora da Divulgação Espírita”, cap. 28, p. 127-8.

¹¹KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XXVII, item 303, p. 424.

¹²Sobre o “Processo dos Espíritos”, consulte a obra com o mesmo título, de Madame P.-G. Leymarie. (Resumo em português por Hermínio C. Miranda). 3. ed. Rio de Janeiro: 1999. p. 32.

¹³KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XXVII, item 303, p. 424.

*Esflorando o* **Evangelho***Pelo Espírito* **Emmanuel**

Socorre a ti mesmo

*“Pregando o Evangelho do reino e curando
todas as enfermidades.”*

(MATEUS, 9:35.)

Cura a catarata e a conjuntivite, mas corrige a visão espiritual de teus olhos. Defende-te contra a surdez, entretanto, retifica o teu modo de registrar as vozes e solicitações variadas que te procuram.

Medica a arritmia e a dispnéia, contudo, não entregues o coração à impulsividade arrasadora.

Combate a neurastenia e o esgotamento, no entanto, cuida de reajustar as emoções e tendências.

Persegue a gastralgia, mas educa teus apetites à mesa.

Melhora as condições do sangue, todavia, não o sobrecarregues com os resíduos de prazeres inferiores.

Guerreia a hepatite, entretanto, livra o fígado dos excessos em que te comprazes.

Remove os perigos da uremia, contudo, não sufoques os rins com os venenos de taças brilhantes.

Desloca o reumatismo dos membros, reparando, porém, o que fazes com teus pés, braços e mãos.

Sana os desacertos cerebrais que te ameaçam, todavia, aprende a guardar a mente no idealismo superior e nos atos nobres.

Consagra-te à própria cura, mas não esqueças a pregação do Reino Divino *aos teus órgãos*. Eles são vivos e educáveis. Sem que teu pensamento se purifique e sem que a tua vontade comande o barco do organismo para o bem, a intervenção dos remédios humanos não passará de medida em trânsito para a inutilidade.

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Pão nosso*. Ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 51, p. 115-116.

A identidade histórica de *O Livro dos Espíritos*

LICURGO SOARES DE LACERDA FILHO

“**D**e que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?

Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses.[...]”

Esta foi a resposta recebida por Kardec, daquela que se tornou a pergunta 799 de *O Livro dos Espíritos*.

A preocupação dos Espíritos superiores estava bem fundamentada, pois era o reflexo de uma situação alarmante que dominava todo o mundo civilizado no meado do século XIX.

Decepcionados com as amarras descabidas, criadas pelos dogmas estabelecidos pela religião oficial, filósofos e pensadores realizavam uma revisão geral no pensamento humano, influenciando cientistas, políticos, artistas, e significativa parcela da população.

Entretanto, a transformação que se operava, quase sempre, se revestia do radicalismo dos que se frustraram com os efeitos de velhos paradigmas que se rompiam tão tardiamente.

Assim, as idéias materialistas ganhavam força em todas as sociedades, e o homem se aprofundava no egoísmo social.

Os Espíritos superiores conheciam bem o caminho que seguiria a Humanidade caso fosse conduzida unicamente pela motriz das idéias materialistas. Na Antiguidade, no início do primeiro milênio, o imperador Otávio Augusto transformara a sua capital, Roma, na “Cidade de Mármore”, expressão máxima do domínio da matéria, que terminou por prenunciar a derrocada dos valores humanos, levando o mundo a viver a chamada Idade das Trevas.

Mil e oitocentos anos depois, o momento histórico suscitava preocupações. Muitas eram as opiniões que surgiram apregoando a supremacia da matéria. Por não compreenderem a essência da ação e do pensamento divinos, muitos intelectuais optavam por ignorar as opiniões que conduzissem à espiritualização da Humanidade.

Independentemente dos benefícios que possam ter sido obtidos com os novos conceitos que revolucionaram o pensamento de

então – que, algumas vezes, trouxeram inegáveis benefícios sociais –, as doutrinas materialistas provocaram muito mais estragos do que melhoramentos para a vida em sociedade.

Coube a Kardec intermediar a revelação de uma Nova Luz, o roteiro para a libertação moral e intelectual da Humanidade, enfeitado em *O Livro dos Espíritos*. Era a reação espiritual a tantas mensagens materialistas e imediatistas que desviavam o homem de seu caminho natural e acabariam por conduzi-lo em meio a pesados fardos sociais, provocando profundas diferenças que resultaram na miséria moral e material.

Passados cento e cinquenta anos desde a publicação da obra básica do Espiritismo, o roteiro permanece oculto à grande maioria daqueles que buscam explicações para a vida e para a ineficaz procura pela felicidade terrena. Cabe a nós espíritas tornar amplamente conhecido este Divino Roteiro, não somente compartilhando as verdades ali contidas, mas, essencialmente, vivenciando-as. ■

Lançamento de livros em alemão e Seminário na Suíça

O Conselho Espírita Internacional (CEI) promoveu, nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro, evento desdobrado em algumas atividades na sede do Centro de Estudos Espíritas Allan Kardec, em Winterthur, Suíça, com apoio da União Espírita Alemã e da União dos Centros de Estudos Espíritas na Suíça.

Houve reunião da Comissão Executiva do CEI, quando foram tratados assuntos e planos de ação, como definições para o 6º Congresso Espírita Mundial que ocorrerá nos dias 9 a 14 de outubro de 2010, em Valencia, Espanha, tendo como tema central “Somos Espíritos Imortais”.

Durante o dia 16 realizou-se seminário sobre Atividades Doutrinárias e Administrativas dos Centros Espíritas, desenvolvido por Nestor João Masotti, Antonio Cesar Perri de Carvalho e Charles Kempf, tendo como público-alvo os dirigentes e colaboradores de instituições, especialmente dos países de idioma ale-



O secretário do CEI, faz a entrega do livro em alemão ao lado de Josef Jackulak, da Áustria

mão, com o comparecimento de setenta companheiros da Suíça, Alemanha, Áustria, Bélgica, França e Luxemburgo. Na oportunidade, o CEI lançou obras de sua edição em idioma alemão: *O Livro dos Espí-*

ritos (Das Buch der Geister) e Nosso Lar (Nosso Lar. Eine spirituelle Heimat). ■

Membros da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional.

Da esquerda para a direita: Nestor João Masotti, Charles Kempf, Vitor Mora Féria, Salvador Martín, Elsa Rossi, Jean-Paul Évrard, Olof Bergman e Antonio Cesar Perri de Carvalho



Cinqüentenário do Lar Fabiano de Cristo

No dia 6 de janeiro deste ano comemorou-se o Cinqüentenário do Lar Fabiano de Cristo. Orientada pela Espiritualidade desde a origem, a instituição tornou-se referência em serviço social, sendo reconhecida pela UNESCO como órgão de educação básica. Atende diariamente a mais de 50.000 pessoas e, através de convênios de complementação, a mais de 30.000 irmãos carentes. Dentro dos festejos de tão relevante efeméride, manifestaram-se os venerandos Espíritos Cárta e Fabiano de Cristo, através das mensagens aqui reproduzidas

Momento sublime

S aí, para realizar a jornada habitual entre as criaturas humanas.

A cidade encantadora banhava-se na rutilante luz do Sol.

Tudo era beleza e encantamento, muito diferente de quando as sombras da noite a vestem de trevas.

Nessa ocasião noturna, os porões da miséria vomitam os seus residentes nas ruas e praças para a sobrevivência através da prática do crime e da hediondez, como algozes ou sofrendores transformados em vítimas das circunstâncias aziagas.

Diante da luz e da movimentação contínua dos transeuntes, no vaivém das suas necessidades e deveres, dos veículos apressados, os réprobos das sombras pareciam calmos e quase não chamavam a atenção.

Alegre, encaminhei-me na direção de uma praça famosa, para con-

templar as árvores frondosas e sentir o aroma das flores perfumadas.

Repentinamente, fui sacudida pelo vozerio de alteração, de gargalhadas e zombarias estridentes.

Acorri, precipite, na direção da balbúrdia, estacando de chofre ante o espetáculo deprimente.

Jovens maltrapilhos molestavam um homem atormentado pela alienação mental, esbordoando-o e ferindo-o, ao tempo em que o agrediam também moralmente.

O infeliz gritava, tentava reagir, perdendo para os agressores que eram mais numerosos.

As pessoas seguiam o seu rumo, indiferentes, e algumas murmuravam, coléricas:

– Todo dia é assim, a mesma coisa. Onde anda a polícia que não toma providências?

Outras afastavam-se, resmungando pragas.

Ninguém, que se acercasse do sofredor.

Eu, porém, que sou a caridade, envolvi o alucinado com os meus braços e arrastei-o comigo na direção das árvores protetoras.

Ninguém me viu o gesto, nem ele mesmo. Na sua aflição, ele relutava, exasperado, desejando ficar para o enfrentamento.

Mas eu lhe balbuciei aos ouvidos, porque aquele era o meu momento sublime:

– Venha comigo! Você estará em segurança.

Os perseguidores, saciados na sua sanha covarde, deixaram-no, sem o seguirem.

Sentei-o sob um formoso ipê roxo, arrebetando-se de flores, enquanto ele, acalmando-se, tomou de uma delas que estava no chão, examinou-a, e falou-lhe baixinho: – Também você parece ter apanhado bastante até ficar dessa cor, não é verdade?...

...E sorriu, na sua insânia.



O Lar Fabiano de Cristo tornou-se referência em serviço social

Foi então, que o acariciei com ternura, enquanto ele, balançando-se, repetia o que eu lhe transmitia à mente:

– Com caridade, no mundo é sempre primavera e todos se tornam felizes.

Cárita

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão mediúnica da noite de 7 de janeiro de 2008, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

A caridade e o amor

Por mais se busquem definições exatas, serão sempre insuficientes para traduzir toda a grandeza da caridade e do amor.

A caridade é constituída de essência divina, enquanto o amor é a força que a mantém no sublime ministério a que se dedica.

Antes do amor não existia a Criação, porque, exteriorizando-se de Deus, gerou o Universo.

A caridade seguiu-lhe em pós, trabalhando em favor da harmonia e do progresso, no rumo da perfeição relativa que será alcançada.

A caridade ilumina a consciência humana e o amor dá-lhe resistência para conduzir todos os seres.

A caridade aplaina os caminhos por onde transitam os que sofrem e deixa ao amor a tarefa de os resguardar do mal.

A caridade abraça o desespero e o amor o acalma.

Se não houvesse a caridade de Jesus no mundo, o Seu amor não conseguiria sustentar a esperança de felicidade.

A caridade diminui as distân-

cias entre as criaturas por mais diferentes que sejam. O amor une-as indefinidamente.

Quando a caridade se fragiliza, a fé se desestrutura pela falta do combustível do amor.

Enquanto houver o sentimento de caridade, o amor triunfará sobre a inferioridade humana.

É o amor, na sua mais elevada qualidade, que se transforma em caridade.

O amor arrebanha a infância e a caridade a ampara, educando-a.

O amor envolve o adulto em ternura, a fim de que a caridade o dignifique para a vida.

O amor entenece-se junto ao idoso e a caridade socorre-o em todas as dificuldades.

O amor afaga o enfermo e prepara-o para a caridade que o recupera.

O amor do Pai Criador não deseja a morte do pecador e a caridade vence nele o pecado.

Enquanto o amor de Jesus permanecer nos corações, a caridade instalará uma sublime primavera em todas as vidas.

Amor e caridade são manifestações perenes de Deus nas trajetórias de todos os seres.

Ama sempre, nunca olvidando a caridade libertadora, que verte dos Céus em favor da Humanidade.

Fabiano de Cristo

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão mediúnica da noite de 7 de janeiro de 2008, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

Revista Espírita e Sociedade Espírita de Paris

ORSON PETER CARRARA

Em 1858, por iniciativa de Allan Kardec – o Codificador do Espiritismo –, surgiram a *Revista Espírita*, tradicional publicação por ele dirigida até sua desencarnação em 1869 e ainda em circulação em vários idiomas, e a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), o primeiro Centro Espírita do Planeta.

Foi em janeiro daquele ano, conforme expressa o próprio Kardec em nota publicada posteriormente em *Obras Póstumas*,¹ Segunda parte, com o título “A Revista Espírita”, em anotação de 15 de novembro de 1857:

NOTA – Apressei-me a redigir o primeiro número e fi-lo circular a 1º de janeiro de 1858, sem haver dito nada a quem quer que fosse. Não tinha um único assinante e nenhum fornecedor de fundos. Publiquei-o correndo eu, exclusivamente, todos os riscos e não tive de que me arrepender, porquanto o resultado ultrapassou a minha expectativa. A partir daquela data, os números se sucederam sem interrupção e, como previa o Espírito, esse jornal se tornou um poderoso auxiliar meu. Reconheci mais tarde que fora para mim

uma felicidade não ter tido quem me fornecesse fundos, pois assim me conservara mais livre, ao passo que outro interessado houvesse querido talvez impor-me suas idéias e sua vontade e criar-me embaraços. Sozinho, eu não tinha que prestar contas a ninguém, embora, pelo que respeitava ao trabalho, me fosse pesada a tarefa.

Já a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas foi fundada em 1º de abril de 1858. Também de *Obras Póstumas*,¹ com o título “Fundação da Sociedade Espírita de Paris”, com anotação na mesma data de 1º de abril, extraímos parcialmente:

Havia cerca de seis meses, eu realizava, em minha casa, à rua dos Mártires, uma reunião com alguns adeptos, às terças-feiras. A Srta. E. Dufaux era o médium principal. Conquanto o local não comportasse mais de 15 ou 20 pessoas, até 30 lá se juntavam às vezes. Apresentavam grande interesse tais reuniões, pelo caráter sério de que se revestiam e pelas questões que ali se tratavam. Lá não raro compareciam príncipes estrangeiros e outras personagens de alta distinção.

.....
A Sociedade ficou, em consequência, legalmente constituída e passamos a reunir-nos todas as terças-feiras no compartimento que ela alugara, no Palais Royal, galeria de Valois. Aí esteve um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não tendo permanecido lá por mais tempo, entrou a reunir-se às sextas-feiras num dos salões do restaurante Douix, no mesmo Palais Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que se instalou num local seu, à rua e passagem Sant’Ana, 59.



Galeria de Valois

Formada a princípio de elementos pouco homogêneos e de pessoas de boa vontade, que eram aceitas com facilidade um tanto excessiva, a Sociedade se viu sujeita a muitas vicissitudes, que não foram dos menores percalços da minha tarefa.

As duas ocorrências, pois, completam 150 anos em 2008. Motivo de júbilo para a família espírita mundial, pelo significado de ambas. A *Revista Espírita* constitui extraordinária publicação que o Codificador transformou num verdadeiro laboratório, em que seus relatos e experiências têm muito a ensinar. Publicada sob sua responsabilidade direta até sua desencarnação, e ainda em circulação, a *Revue* é desconhecida da maioria dos espíritas, que não imaginam o tesouro

que se encontra à disposição para seus estudos e reflexões. Trata-se de uma coleção (de 1858 a 1869) para permanentes pesquisas, a qual foi publicada no Brasil, primeiramente, pela Edicel, depois pelo Instituto de Divulgação Espírita (IDE), Araras (SP), e recentemente a Federação Espírita Brasileira (FEB) a publicou em primorosa encadernação, traduzida por Evandro Noleto Bezerra.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o primeiro núcleo espírita do Planeta, alvo de lutas e

dificuldades internas, transformou-se, assim como a *Revue*, num importante foco de experiências para amadurecimento das idéias e no intercâmbio entre os espíritas.

As duas datas históricas incentivam o estudo e o conhecimento espírita, mas, sobretudo, o envolvimento de todos nós, com mais comprometimento e dedicação à divulgação e à vivência do Espiritismo.

Já que falamos uma vez mais em júbilos de sesquicentenário², utili-

zando trechos de *Obras Póstumas*, acima transcritos, importante que voltemos nossa atenção aos esforços do Codificador. Suas importantes e sempre oportunas considerações e argumentos, tão fartamente encontrados na Codificação, surgem também em *Obras Póstumas*, com detalhes impressionantes de suas lutas, nas anotações pessoais, deixadas para a posteridade. E nós, os espíritas da atualidade, com tão

ricos conteúdos à disposição, poderemos encontrar muitos temas para apuradas reflexões, tais como se encontram na citada obra. A genialidade do Codificador, tão bem expressa no seu alto bom senso e discernimento, sua clareza e lucidez, ao lado da manifesta bondade da alma, entusiasmo pela grande capacidade de síntese e intelecto perfeitamente ajustado à íntegra moral, ofertando textos que encantam pela profundidade das argumentações.

Alegremo-nos, portanto, por ser contemporâneos dessa expressiva efeméride do Sesquicentenário, agora em 2008, das expressivas ocorrências da fundação da *Revista Espírita* e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, num autoconvite para continuarmos estudando e nos esforçando intensamente pelo progresso individual, tarefa prioritária da presença do Espiritismo na Terra. ■



Galeria Montpensier



Passagem Sainte-Anne, 59

zando trechos de *Obras Póstumas*, acima transcritos, importante que voltemos nossa atenção aos esforços do Codificador. Suas importantes e sempre oportunas considerações e argumentos, tão fartamente encontrados na Codificação, surgem também em *Obras Póstumas*, com detalhes impressionantes de suas lutas, nas anotações pessoais, deixadas para a posteridade. E nós, os espíritas da atualidade, com tão

Referências:

¹Vale recordar que o livro *Obras póstumas* reúne estudos e anotações de Allan Kardec e foi publicado em 1890, portanto, após sua desencarnação, em 1869.

²Em 2007 foram comemorados os 150 anos de publicação de *O livro dos espíritos*.

Nota do autor: As transcrições foram extraídas do CD-ROM – A Codificação – Os Livros Básicos da Doutrina Espírita, edição da Federação Espírita Brasileira.

Em dia com o Espiritismo

A dor física

MARTA ANTUNES MOURA

A prestigiosa Associação Internacional para o Estudo da Dor (*International Association for the Study of Pain-IASP*), localizada em Seattle-WA, nos Estados Unidos, um dos mais importantes fóruns do Planeta especializado em ciência, prática médica e educação no campo da dor, definiu 2008 como o “Ano Mundial contra as Dores em Mulheres”. Trata-se de uma campanha que tem como finalidade analisar o considerável impacto das dores crônicas nas mulheres e definir tratamentos e condutas clínicas mais eficazes. A Campanha tem razão de ser, informa Troels S. Jensen, médico e atual presidente da IASP, professor de pesquisa clínica e experimental sobre a dor, da Universidade de Aarhus, em Aarhus, Dinamarca: “As dores crônicas afetam uma proporção maior de mulheres que de homens, mas infelizmente elas têm menos probabilidade de receber tratamento em comparação com os homens”.¹

A IASP desenvolverá intensa programação ao longo do ano em

diversas nações, promovendo ampla discussão sobre o assunto pelo envolvimento de cientistas, médicos, psicólogos, odontólogos, enfermeiras, fisioterapeutas, farmacêuticos, professores, pesquisadores, estudantes e outros profissionais da saúde. O evento mais aguardado é o Congresso Mundial sobre a Dor (*12th World Congress on Pain*), a ser realizado entre 17 e 22 de agosto na cidade de Glasgow, Escócia.²

Dor física, segundo definição da IASP, é uma “[...] experiência sensitiva e emocional associada a uma lesão real ou potencial nos tecidos. Assim, a dor inclui não só a percepção de um estímulo desconfortável, mas também a resposta àquela percepção”.³ Para Léon Denis “a dor é uma lei de equilíbrio e educação”.⁴ Esclarece também:

A dor e o prazer são duas formas extremas da sensação. Para suprimir uma ou outra seria preciso suprimir a sensibilidade. [...]

A dor física produz sensações; o sofrimento moral produz sentimentos. [...]

O prazer e a dor estão, pois, muito menos nas coisas externas do que em nós mesmos; incumbe, pois, a cada um de nós, regulando suas sensações, disciplinando seus sentimentos, dominar umas e outras e limitá-lhes os efeitos.⁵

As principais manifestações da dor física são: a) **neuropática** – caracterizada por alguma anomalia nas vias nervosas; b) **pós-operatória** – dor intermitente, que se agrava com a movimentação do doente; c) **cancerígena** – presente nos cânceres, porém variável conforme a intensidade e o tipo do tumor; d) **psicogênica** – relacionada a desarmonias psicológicas nas quais não se identifica lesão física correspondente. Denis acrescenta que, independentemente do tipo ou da intensidade de manifestação da dor física, ela sempre indica “[...] um aviso da Natureza, que procura preservar-nos dos excessos. [...]”⁶

Sem intenção de fazer apologia da dor e mesmo não desconhecendo a existência de conteúdos doutrinários que extrapolam o significado espírita, percebe-se que o processo educativo do sofrimento funciona como agente estimulador do progresso espiritual, uma vez que – analisa Kardec – se “[...] toda imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não somente pelo mal que fez como pelo bem que deixou de fazer na vida terrestre”.⁷ À luz do entendimento espírita, Emmanuel fecha a questão ao apresentar a explicação que se segue.

Podemos classificar o sofrimento do espírito como a dor-realidade e o tormento físico, de qualquer natureza, como a dor-ilusão.

Em verdade, toda dor física colima o despertar da alma para os seus grandiosos deveres, seja como expressão expiatória, como consequência dos abusos humanos, ou como advertência da natureza material ao dono de um organismo.

Mas, toda dor física é um fenômeno, enquanto que a dor moral é essência.

Daí a razão por que a primeira vem e passa, ainda que se faça acompanhar das transições de morte dos órgãos materiais, e só a dor espiritual é bastante grande e profunda para promover o luminoso trabalho do aperfeiçoamento e da redenção.⁸

A ocorrência da dor indica, pois, manifestação da lei de cau-

sa e efeito, embora nem todo sofrimento esteja relacionado a atos cometidos em existências pretéritas. Pode ser consequência de ações praticadas na atual existência, conforme esta esclarecida informação de Kardec:

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição? Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos!⁹

A Ciência considera que o estado doloroso é influenciado por uma série de fatores: fisiológicos, mentais, psicológicos, emocionais, sociais e culturais. Admite que todas essas interações são dinâmicas e estão em constante mudança. “Assim, a dor que é percebida como de certa intensidade numa ocasião pode, em outra ocasião, ser percebida como menos ou mais intensa, embora todos os demais fatores sejam, aparentemente, os mesmos.”³

A experiência espírita não ignora tal assertiva. A situação se repete entre pessoas portadoras de profundas dores ou sofrimentos, produzidos por enfermidades expiatórias, que buscam auxílio na Casa Espírita. Nos contatos iniciais, elas se revelam profundamente infelizes, sofredoras, amarguradas, desesperançadas. Com o passar do tempo, se o enfermo persiste em seguir as prescrições



médicas e as orientações espíritas, o quadro geral da doença modifica-se, em razão da renovação mental, emocional e espiritual ocorrida, como também devida à atuação misericordiosa dos benfeitores espirituais, importa destacar.

A compreensão espírita das causas e dos mecanismos da dor representa oportunidade de reajustamento do necessitado perante a Lei de Deus. O aproveitamento das lições oferecidas pela dor modifica-lhe a maneira de pensar, falar e agir, fazendo com que se torne pessoa mais reflexiva, calma e paciente. Aprende a suportar o sofrimento, age com certo grau de estoicismo. Passa, então, a ser guiada por uma força moral, que desconhecia possuir, própria dos que revelam predominância do Espírito sobre a matéria.

Mesmo que a doença não seja debelada, ainda que surjam dias amargos, exigindo dose extra de sacrifício, tais companheiros não se entregam. “Arrastam-se” até o Centro Espírita para receber os elementos renovadores da fé e da esperança, momentaneamente abalados. Mantêm-se sintonizados com os planos vibratórios superiores, pelos fios invisíveis da prece, de onde recebem o acréscimo de coragem necessário para prosseguirem na sua luta provocacional.

Concluída a existência física, são recebidos como vencedores no além-túmulo. Os seus exemplos serão apontados como a referência de indivíduos que souberam redimensionar a caminhada evolutiva, pela dor. A partir daí, o progresso continuará incessante para eles. A recompensa pelos seus esforços não tarda a chegar, pois “[...] Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor,

nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas”, ensina o apóstolo João. (Apocalipse, 21:4.) ■

Referências:

¹INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR THE STUDY OF PAIN (IASP). Declares the Global Year Against Pain in Women.

<http://www.medicalnewstoday.com/articles/85593.php>

²12TH WORLD CONGRESS ON PAIN.

<http://www.iasppainorg//AM/Template.cfm?Section=Home>

³DAVIS, F. A Dicionário médico enciclopédico taber. Tradução de Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira (17. americana). São Paulo: Manole, 2000. p. 529.

⁴DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Terceira parte, cap. XXVI, p. 520.

⁵*Idem, ibidem*. p. 520-521.

⁶*Idem, ibidem*. p. 527.

⁷KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. 60. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Primeira parte, cap. VI, item Código penal da vida futura, 6º código.

⁸XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 239.

⁹KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. V, item 4.

Cristianismo Redivivo

História da Era Apostólica

A fé transporta montanhas

“Acredita-me, mulher, vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai [...] Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade.”¹

HAROLDO DUTRA DIAS

A passagem acima citada diz respeito ao encontro da mulher de Samaria com Jesus. A samaritana indaga quanto ao verdadeiro local de adoração a Deus, se no monte Gerazim (Samaria) ou, ao contrário, no monte Sião (Jerusalém). O Mestre lhe responde, todavia, que os verdadeiros adoradores adoram a Deus em espírito e verdade, não em pontos geográficos fixos.

Com o Cristo, transportam-se as montanhas sagradas, da tradição bíblica, para o interior da alma. Assim, haverá um santuário espiritual erguido ao Criador em todos os lugares da Terra onde estiver presente um espírito sincero e fervoroso, visto que a adoração terá lugar portas adentro do coração.

¹Bíblia de Jerusalém. 3. ed. São Paulo: PAULUS, 2004. João, 4: 21-24, p. 1851.

A fé transporta montanhas. Mudando o enfoque, urge reconhecer que a edificação do “Reino de Deus” representa ver-

trabalhos ingentes, inúmeros sacrifícios e lutas acerbadas, decorrentes do esforço de superação das nossas deficiências íntimas.

Desse modo, com o propósito de debelar o pessimismo, o desânimo, a incerteza, a hesitação, Jesus nos ensina que: “[...] se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha: transporta-te daqui para lá, e ela se transportará, e nada vos será impossível”.²

A fé “é força que nasce com a própria alma, certeza instintiva na Sabedoria de Deus que é a sabedoria da própria vida [...]”³, não obstante as adversidades de cada dia. Consoante o ensino de Emmanuel:



Jesus e a mulher samaritana

dadeira obra divina a desdobrar-se, também, no coração dos seres. No entanto, não raro, exige

²Idem, *ibidem*. Mateus, 17: 20, p. 1735.

³XAVIER, Francisco C. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006. Cap. 6, p. 32.

Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: “eu creio”, mas afirmar: “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido.

Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”.⁴

Sensível aos desafios que o progresso espiritual apresenta, Allan Kardec asseverou:

[...] As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da

parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade.[...] ⁵

A fé transporta montanhas.

Noutro giro, consultando o dicionário constata-se que o vocábulo “fé” cobre um amplo espectro de significados, tais como: “[...] confiança absoluta (em alguém ou algo); [...] crédito, [credibilidade] (um homem digno de fé); [...] asseveração, afirmação, comprovação de algum fato; [...] **compromisso assumido de ser fiel à palavra dada, de cumprir exatamente o que se prometeu**”.⁶ (Destaque do autor.)

A palavra “fé” é utilizada para traduzir, na Bíblia hebraica (*Velho Testamento*), o radical “aman” (confirmar, sustentar; estabelecer-se; **ser fiel**; estar certo, crer em), bem como os seus derivados, em especial, os termos “omen” (verdade, **fidelidade**) e “emuna” (firmeza, **fidelidade**).

Vê-se que, no âmago dos significados dessa raiz, está a idéia

de certeza, mas também o sentido de “**ser fiel**” (2 Crônicas 19:9).

Por sua vez, no *Novo Testamento*, utiliza-se o vocábulo “fé” para traduzir a expressão grega⁷ “pistis” (fé, confiança depositada nas pessoas ou nos deuses), e especialmente seu derivado “to piston” (confiabilidade ou **fidelidade** daqueles que se obrigam por um contrato).

Nesse ponto, Humberto de Campos vem em nosso socorro, reproduzindo belíssimo diálogo de Jesus com os discípulos:

– Na causa de Deus, a fidelidade deve ser uma das primeiras virtudes. Onde o filho e o pai que não desejam estabelecer, como ideal de união, a confiança integral e recíproca? Nós não podemos duvidar da fidelidade do nosso Pai para conosco. Sua dedicação nos cerca os espíritos, desde o primeiro dia. Ainda não o conhecíamos e já Ele nos amava. E, acaso, poderemos desdenhar a possibilidade de retribuição? Não seria repudiarmos o título de filhos amados, o fato de nos deixarmos absorver no afastamento, favorecendo a negação?

.....
[...] É certo que as forças destruidoras reclamarão a indiferença e a submissão do filho de Deus;

⁵KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 127. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. XIX, item 2.

⁶HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: OBJETIVA, 2007. p. 1317.

⁴XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Questão 354.

⁷Todos os manuscritos do *Novo Testamento*, encontrados e catalogados até o presente momento, estão redigidos na língua grega, excetuando-se os manuscritos referentes às diversas traduções desse mesmo texto.

mas, o filho de coração fiel a seu Pai se lança ao trabalho com perseverança e boa vontade. Entrará em luta silenciosa com o meio, sofrer-lhe-á os tormentos com heroísmo espiritual, por amor do Reino que traz no coração plantará uma flor onde haja um espinho; abrirá uma senda, embora estreita, onde estejam em confusão os parasitos da Terra; cavará pacientemente, buscando as entranhas do solo, para que surja uma gota d'água onde queime um deserto. Do íntimo desse trabalhador brotará sempre um cântico de alegria, porque Deus o ama e segue com atenção.⁸

Munidos de fé sincera estaremos em condições de atravessar esses difíceis momentos de transição do orbe terrestre, bem como triunfar nas provas e expiações, rumo à iluminação espiritual.

É preciso procurar “[...] as águas vivas da prece para lenir o coração, mas não nos esqueçamos de acionar os nossos sentimentos, raciocínios e braços, no progresso e aperfeiçoamento de nós mesmos, de todos e de tudo, compreendendo que Jesus reclama obreiros diligentes para a edificação de seu Reino em toda a Terra”.⁹

A fé transporta montanhas. ■

⁸XAVIER, Francisco C. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 3. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 6, p. 49-50 e 53-54.

⁹XAVIER, Francisco C. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 69, p. 180-181.

Fé e cultura

“Acolhei o que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões.”
– Paulo. (ROMANOS, 14:1.)

Indubitavelmente, nem sempre a fé acompanha a expansão da cultura, tanto quanto nem sempre a cultura consegue altear-se ao nível da fé.

Um cérebro vigoroso pode elevar-se a prodígios de cálculo ou destacar-se nos mais entranhados campos da emoção, portas dentro dos valores artísticos, sem entender bagatela de resistência moral diante da tentação ou do sofrimento. De análogo modo, um coração fervoroso é suscetível das mais nobres demonstrações de heroísmo perante a dor ou da mais alta reação contra o mal, patenteando manifesta incapacidade para aceitar os imperativos da perquirição ou dos requisitos do progresso.

A Ciência investiga.

A Religião crê.

Se não é justo que a Ciência imponha diretrizes à Religião, incompatíveis com as suas necessidades do sentimento, não é razoável que a Religião obrigue a Ciência à adoção de normas inconciliáveis com as suas exigências do raciocínio.

Equilíbrio ser-nos-á o clima de entendimento, em todos os assuntos que se relacionem à Fé e à Cultura, ou estaremos sempre ameaçados pelo deserto da descrença ou pelo charco do fanatismo.

Auxiliemo-nos mutuamente.

Na sementeira da fé, aprendamos a ouvir com serenidade para falar com acerto.

Diz o Apóstolo Paulo: “Acolhei o que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões”. É que para chegar à cultura, filha do trabalho e da verdade, o homem é naturalmente compelido a indagar, examinar, experimentar e teorizar, mas, para atingir a fé viva, filha da compreensão e do amor, é forçoso servir. E servir é fazer luz.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Ceifa de luz*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 38.



A FEB e o Esperanto

Jubileu centenário da Associação Universal de Esperanto

AFFONSO SOARES

A maior entidade internacional do Movimento Esperantista completa 100 anos de existência em 28 deste mês, e seus membros, individuais e coletivos, disseminados por 117 países, comemoram dignamente o evento, bastante significativo, quando se trata da sustentação de um ideal grandioso, destinado à confraternização dos povos, portanto sujeito às vicissitudes que se erguem em nosso mundo contra o verdadeiro progresso, sobretudo o progresso moral.

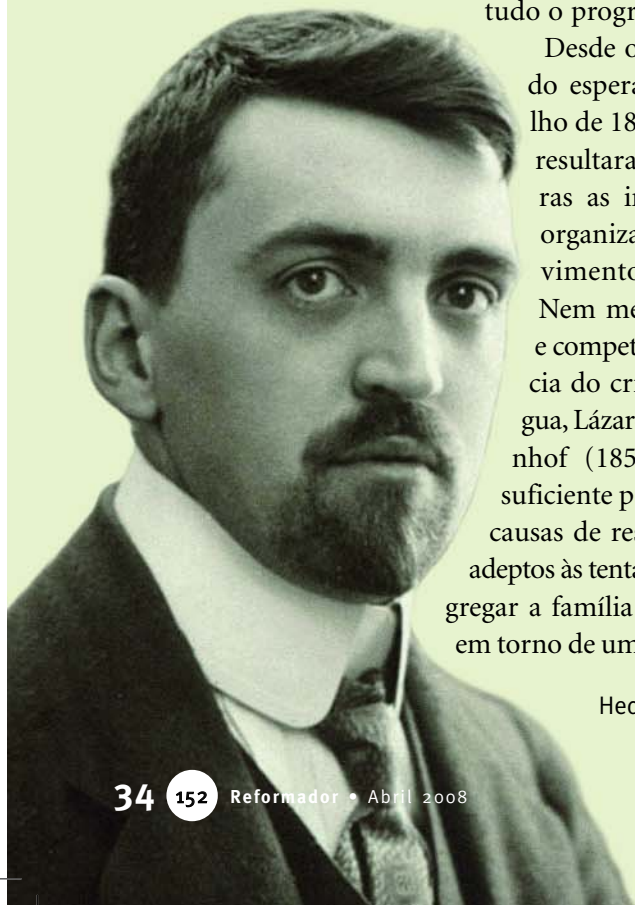
Desde o surgimento do esperanto, em julho de 1887, até 1908, resultaram infrutíferas as iniciativas de organização do Movimento nascente. Nem mesmo a sábia e competente influência do criador da língua, Lázaro Luís Zamenhof (1859-1917), foi suficiente para afastar as causas de resistência dos adeptos às tentativas de congregar a família esperantista em torno de um núcleo con-

dutor e orientador. Vaidades, personalismo, interesses menores, entre outros, se alinhavam entre os motivos dos fracassos iniciais que, ao mesmo tempo, evidenciavam os verdadeiros fundamentos sobre os quais se levantaria a desejada organização dos esperantistas.

Coube a um jovem suíço de apenas 21 anos a gloriosa missão de imprimir rumo definitivo aos destinos do esperantismo mundial. Chamava-se Hector Hodler (1887-1920) e era filho do renomado pintor Ferdinand Hodler (1853-1918).

Fortemente impressionado com os conflitos nos quais o Movimento se debatia, Hodler iniciou, em 1907, fecundo esforço de aglutinação de forças e, em meio a uma das mais graves crises vividas pelos esperantistas, convoca a todos para uma efetiva, concreta representação, através do periódico *Esperanto*, fundado em 1905 por Paul Berthelot (1881-1910) e tornado por Hodler, em 1908, órgão oficial da Associação Universal de Esperanto. Mais de 100 grupos aderem ao novo e democrático sistema por ele idealizado, cujo principal objetivo era repelir as disputas meramente teóricas em torno da língua e usá-la praticamente a serviço dos elevados ideais a que ela se propunha. Numa palavra, de acordo com Edmond Privat (1889-1962), em sua excelente obra *Historio de la Lingvo Esperanto (1900-1927) – O Movimento*, lançada na Alemanha, em 1927, por Hirt & Sohn: “[...] ela [a *Universala Esperanto-Asocio* (UEA)] apresentará os que usam o Esperanto, não para dis-

Hector Hodler





Fachada do prédio onde funciona a UEA, em Rotterdam

cutir sobre gramática, mas para dar utilidade à língua e enriquecê-la pela experiência”.

Incorporando idéias anteriormente concebidas por Alphonse Carles (?-1930) e Théophile Rousseau (1876-1916), respectivamente, a criação de cônsules e a fundação de escritórios esperantistas em todas as cidades do mundo, Hodler funda a *Universala Esperanto-Asocio* (UEA), cujos principais objetivos eram facilitar as relações entre os homens de línguas diferentes e criar um poderoso elo de solidariedade entre todos os adeptos.

A UEA venceu a prova do tempo, cumprindo sem quaisquer desvios o seu nobre programa. Crises internas e externas, duas guerras mundiais não lhe abalaram os alicerces sólidos em que se assenta, conferindo-lhe assim rica experiência, rija têmpera e inquestionável autoridade com que pudesse ampliar sua ação em todos os continentes.

Com membros em 117 países, a UEA coordena o trabalho das associações nacionais para a divulgação

do idioma e prática do esperantismo, patrocina e organiza anualmente os congressos universais de esperanto, mantém relações consultivas com a ONU e o Unicef e relações operacionais com a Unesco, participa das atividades do Conselho Europeu, colabora com a Organização dos Estados Americanos (OEA) e com a União Européia, sendo ainda membro do Conselho Lingüístico da Europa.

Porém, o mais precioso e fecundo patrimônio da UEA são os cerca de 2.000 adeptos que, espalhados em quase uma centena de países, trabalham voluntariamente como seus delegados, prestando gratuitamente serviços à coletividade esperantista em diferentes campos da atividade humana.

Além da sede central em Rotterdam, Holanda (Nieuwe Binnenweg 176, NL-3015 BJ Rotterdam, Nederlando – uea@co.uea.org – www.uea.org), a UEA também mantém em Nova York seu Escritório para as Relações com a ONU e, em Lokossa, Benino, o Escritório Africano.

Seu prestígio é reconhecido mundialmente, tendo sido proposta sua candidatura ao Prêmio Nobel da Paz para 2008, com base nas suas ações em favor da aproximação e do entendimento dos povos.

Diversas associações especializadas de esperantistas, incluindo-se as de caráter religioso, filiam-se, em diferentes categorias, à UEA, que nelas vê fecundo potencial para a divulgação dos ideais esperantistas, ao mesmo tempo que, num esclarecido espírito de neutralidade positiva, lhes possibilita divulgar, através da Língua Internacional do Dr. Zamenhof, seus ideais igualmente impregnados dos sentimentos de fraternidade e justiça entre os povos.

Associam-se, portanto, os espíritas-esperantistas e não-esperantistas – às homenagens prestadas à *Universala Esperanto-Asocio* no ano do seu centenário. ■

Diretoria da UEA na abertura do 92º Congresso Universal de Esperanto, em Yokohama, Japão, em 2007



Os outros em mim

CARLOS ABRANCHES

As ações básicas de minha vida não são apenas resultado de atitudes instintivas e originais. Elas foram programadas bem cedo, desde quando ouvi sugestões dos outros e como as interpretei.

É evidente que os impulsos do passado também agem no conjunto geral de minhas manifestações nesta vida, mas estou falando aqui de uma nova etapa de aprendiza-

dos. Se o esquecimento das vivências anteriores é necessário para reiniciar uma nova jornada, então vou dar o devido peso ao que me acontece nesta encarnação, sem ficar buscando a toda hora explicações no passado para o que me ocorre agora. Se tiver de recorrer a experiências anteriores a esta vida, propiciadas pelo conhecimento da Doutrina Espírita, o farei somente se for muito necessário.

Se sou perfeccionista em excesso, por alguma pressão vinda de figuras significativas como pais ou educadores, posso me cobrar exageradamente, fazendo com que a felicidade fique mais difícil de ocorrer em minha vida.

Se me comparo demais aos outros, corro o risco de deixar que surjam sentimentos de inferioridade. Aí fica mais difícil gostar de alguma coisa quando não gosto de mim.

Caso permita que me ocorram pensamentos típicos de quem age com base no “tudo ou na-

da”, deixo-me dominar por idéias de menos valia: de que por não ser tudo que esperava alcançar, na verdade não sou nada.

Minhas palestras deixam de ter o brilho que algumas pessoas percebem, porque, por não me achar integralmente equilibrado e evoluído, deixo transparecer minha condição de “impostor”, sem qualidades morais para querer falar de virtudes que não possuo.

Assim, perco contato com o cinza que há entre o branco e o preto, com o processo que caracteriza tudo o que evolui na vida, sobretudo deixo de reconhecer as infindáveis faixas de evolução dos seres humanos. Torno-me reprimido e repressor, absorvido pelos extremos, sem considerar o tanto de sombra e luz que ainda me habitam e de agir com mais bom senso, pesando com auto-respeito a relatividade das coisas.

Se empurro para a frente a necessidade de me autoconhecer, apenas transfiro a investigação do quanto as figuras importantes de minha história continuam influenciando minha vida. Mesmo que já tenham



morrido (como pode ter ocorrido com pais, educadores, amigos ou irmãos), não morreram aqui por dentro muitas de suas ordens, verdadeiras âncoras de sentenças determinantes de emoções, encaminhamentos, orientações, tanto para o que me causa tristeza quanto para o que me propõe felicidade.

Autoconhecer-me significa investigar-me sem prejulgamentos, sem juízos de valor. É criar coragem a fim de “entrar” no campo emocional dessas pessoas, como os pais, por exemplo, para conhecer e sentir quais teriam sido suas intenções positivas ao tomar esta ou aquela atitude, a ter decidido por este ou aquele gesto para comigo.

Saber disso é saber-me. Ir a fundo nisso é abrir espaço para o perdão, para o autoperdão, para o domínio amplo da compreensão profunda que deve permear minhas relações mais íntimas. Quem sabe de si consegue amar com mais liberdade, entregando-se com mais confiança a sentimentos significativamente libertadores.

A opinião que dou agora é legitimamente minha? O que te falo é integralmente meu? Até que ponto o que opino é filtro do que outros já pensaram, elaboraram e sugeriram que os demais dissessem, desprezada aí a originalidade da idéia?

O que me importa não é somente se o que falo é opinião corriqueira, saída da boca de muitos e que apenas reproduzo. O que interessa é saber se tenho disponível o que me diferencia integralmente de qualquer outra pessoa da face da Terra, que são meus sentimentos, minhas emoções.

Falar deles é falar de mim. Ninguém sente como eu, ninguém lê a vida com meus olhos. Por isso, quando comunico o que sinto, estou sendo único, mesmo que ainda não conheça a fundo as motivações reais que me levam por este ou aquele caminho.

O Espírito Emmanuel sugere uma lembrança oportuna: “Não nos esqueçamos de que nossos pensa-

mentos, palavras, atitudes e ações constituem moldes mentais para os que nos acompanham”. O Benfeitor acrescenta ainda que, “[...] como recebemos conforme atraímos, e colhemos segundo plantamos, é imprescindível saibamos fornecer o melhor de nós, a fim de que os outros nos proporcionem o melhor de si mesmos”.*

Mais uma vez, o autoconhecimento. Sem ele, sou um naufrago à deriva. Com ele, tenho rumo e sei por onde seguir, em direção a outras e maiores descobertas.

Qual o impacto dos outros em mim? Qual o peso da minha presença nos outros? Eis duas questões que podem valer uma vida. Se não encontro as respostas, qualquer uma pode me servir. Mas se as elaboro adequadamente, assumo as rédeas de minha vida e torno-me efetivo cuidador de minhas forças. ■

*XAVIER, Francisco C. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 161.

Identidade revelada após 150 anos

O general X..., que obteve a **autorização** para o funcionamento legal da ***Sociedade Espírita de Paris***

No ano do Sesquicentenário da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, descobrimos na *Revista Espírita* a identidade do célebre general X...

ENRIQUE ELISEO BALDOVINO

Estudando as páginas históricas da *Revista Espírita*, brilhante manancial doutrinário que acaba de cumprir seu Sesquicentenário de lançamento, detivemo-nos atentamente no mês de julho do ano 1859, cujas conclusões informamos nesta matéria comemorativa.¹

Nesse artigo encontramos uma

interessante e reveladora informação inserida nas questões 4 e 5, entre as quais existe uma valiosa **Nota de Allan Kardec** (observação) que identifica claramente o Espírito comunicante (o mesmo acontece na questão 13), identificação que é a de um oficial superior falecido em combate na batalha de Magenta (em 4 de junho de 1859,

na Guerra da Itália), e que o Codificador já conhecia de nome, porque esse oficial superior (o general X...) muito havia contribuído para ser obtida, em tempo recorde, a autorização legal, imprescindível para o funcionamento e formação da *Société Parisienne des Études Spirites* (SPEE), a qual foi conseguida em 13 de abril de 1858.²

Campo italiano na batalha de Magenta,
por Giovanni Fattori



Como também estamos no ano do Sesquicentenário da fundação da SPEE, este estudo é, ainda, uma pálida homenagem ao incansável trabalho doutrinário que Kardec teve ao dirigir com mestria e perseverança o primeiro Centro Espírita do mundo. Então, citemos, a seguir, algumas questões ou partes da referida *Revue Spirite*,³ na qual está registrado o primeiro dos diálogos entabulados (são duas entrevistas) entre Kardec e a personagem mencionada, que é objeto da nossa pesquisa. A data da evocação é 10/6/1859, *somente seis dias* após a desencarnação (4/6/1859) do general X..., no terrível combate de Magenta (cidade da província de Milão, hoje pertencente à Itália).

Um oficial superior morto em Magenta

(Sociedade, 10 de junho de 1859)

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Poderíeis dizer-nos como atendestes tão prontamente ao nosso apelo?

Resp. – Eu estava prevenido do vosso desejo.

3. Por quem fostes prevenido?

Resp. – Por um emissário de Luís.

4. Tínheis conhecimento da existência de nossa Sociedade?

Resp. – Vós o sabeis.

Observação – O oficial em questão tinha realmente auxiliado a Sociedade para a obtenção do seu registro de funcionamento.

5. Sob que ponto de vista consideráveis a nossa Sociedade quando concorrestes para a sua formação?

Resp. – Eu não estava ainda inteiramente decidido, mas me



O general X... (Charles-Marie-Esprit Espinasse), que obteve a autorização imprescindível para o funcionamento legal da Sociedade de Paris

inclinava muito a crer; não fossem os acontecimentos que sobrevieram, por certo teria ido instruir-me no vosso círculo.

.....

13. Vós vos reconhecestes imediatamente no momento da morte?

Resp. – Quase que imediatamente, graças às vagas noções que possuía do Espiritismo.

.....

Observação – O conhecimento do Espiritismo auxilia o desprendimento da alma após a morte; assim, concebe-se que abrevie o período de perturbação que acompanha a separação; o *Espírito conhecia antecipadamente o mundo em que ora se encontra*.

.....

15. Assististes à entrada de nossas tropas em Milão?

Resp. – Sim, e com alegria. Fiquei encantado pela ovação com que nossas armas foram acolhidas, a princípio por patriotismo; depois, pelo futuro que as aguarda.

.....

20. Voltaríeis de bom grado se vos pedíssemos?

Resp. – Estou à vossa disposição e prometo vir, mesmo sem ser chamado. A simpatia que eu nutria por vós não fez senão aumentar. Adeus.

O general X...

Vejamos agora o que o próprio Codificador Allan Kardec nos fala, em *Obras Póstumas*,⁴ sobre a importantíssima autorização legal para o funcionamento e forma-

ção da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE):

[...] Mas, então, fazia-se necessária uma autorização legal, a fim de se evitar que a autoridade de nos fosse perturbar. O Sr. Dufaux, que se dava pessoalmente com o Prefeito de Polícia, encarregou-se de tratar do caso. A autorização também dependia do Ministro do Interior. Coube então ao general X..., que era, sem que ninguém o soubesse, simpático às nossas idéias, embora sem as conhecer inteiramente, obter a autorização. Esta, graças à sua influência, pôde ser concedida em quinze dias, quando, de ordinário, leva três meses para ser dada.

Lembremos o contexto histórico, político e

social francês da segunda metade do século XIX: uma lei da época, a lei de segurança geral, votada em 19 de fevereiro de 1858 e promulgada em 27 de dezembro de 1858, proibia reuniões com mais de 20 pessoas sem a autorização da polícia imperial de Napoleão III, o qual havia sofrido um atentado político por parte do revolucionário nacionalista italiano Félix Orsini, que quase o matou no dia 14 de janeiro de 1858. Diante disso, Orsini foi condenado à pena de morte, sendo executado na guilhotina em 13 de março de 1858, isto é, só vinte dias antes (1º/4/1858) da fundação da SPEE e exatamente um mês antes (13/4/1858) de obter-se a necessária autorização.⁵ Foi por este motivo que se endureceu sobremaneira o controle policial sobre a reunião de mais pessoas do que o permitido em recinto fechado. Era uma lei muito rigorosa, que somente foi derogada 12 anos após, em 1870.

Foto muito rara do ministro Charles-Marie-Espirit

Espinasse, que, entre 7/2/1858 e 14/6/1858, ocupou o Ministério do Interior e de Segurança Geral do governo imperial de Napoleão III (Foto: RMN.)

O general Charles-Marie-Espirit Espinasse

Como acabamos de ler em *Obras Póstumas*, o general X... era, ao mesmo tempo, Ministro do Interior da França, cujo elevado cargo ministerial tinha, à época, a denominação completa de Ministro do Interior e de Segurança Geral. Nossa investigação da história política francesa nos elucida que Napoleão III (1808-1873) nomeou para este cargo um general, oficialmente no dia 7 de fevereiro de 1858.⁶ A história registra que se trata do general Charles-Marie-Espirit Espinasse (Castelnaudary [Aude], França, 2/4/1815 – Magenta [Milão], hoje Itália, 4/6/1859), que ocupou esse Ministério até o dia 14 de junho de 1858, sendo que três dias depois de sua demissão foi nomeado senador pelo regime imperialista.

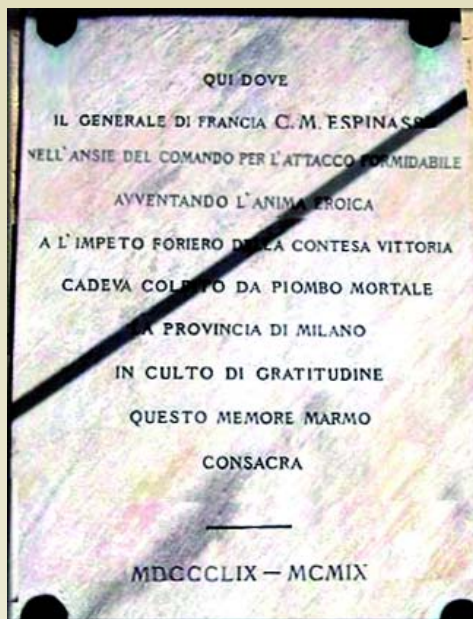
O general Espinasse participou ativamente da Guerra da Itália e morreu na batalha de Magenta. Anos antes (1842) havia sido nomeado Cavaleiro da Legião de Honra. Em 2 de dezembro de 1851 participou militarmente do golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão I (1769-1821). Portanto, esta autorização legal foi obtida no período em que o general Espinasse estava à frente do Ministério (de 7/2/1858 a 14/6/1858).

Sabidamente, e com a sua prudência costumeira, Allan Kardec designa esse general com o codi-



nome X..., por motivos óbvios e porque ademais o estatuto da Sociedade de Paris impedia que a atividade política partidária fizesse parte da mesma, por ser uma Sociedade de caráter apolítico. Hoje, esta nova informação sobre a identificação nominal do general X... tem unicamente caráter de registro histórico, com o objetivo de que conheçamos as personalidades que fizeram parte dos anais do Espiritismo.

Finalmente, tenhamos em conta, para compreender melhor o contexto histórico, político e social da Guerra da Itália (1859), da qual a França participou ativamente e, por conseguinte, o general X..., que em *Obras Póstumas* (Segunda parte, "Acontecimentos", 7 de maio de 1856, em casa do Sr. Roustan; médium: Srta. Japhet) há uma clara referência a este grave conflito, mensagem histórica em que os Espíritos já prediziam ao Codificador que a primeira centelha da guerra partiria da Itália, conflagração que tomaria grandes proporções, abrangendo a Terra. E exatamente assim aconteceu, co-



Placa-homenagem ao general francês Espinasse, por parte da província de Milão (1859), em gratidão à sua coragem e heroísmo, demonstrados com a entrega da própria vida na batalha vitoriosa de Magenta (Foto: Lettini.)

mo os Espíritos anunciaram com antecipação de três anos. ■

Referências:

¹KARDEC, Allan. *Revista espírita*: jornal de estudos psicológicos. Ano II. Julho de 1859. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. "Um oficial superior morto em Magenta", p. 283-287. Artigo em sequência: RE, set./1859: "Conversas familiares de Além-Túmulo – Um oficial do exército da Itália (Segunda entrevista – Sociedade, 1º de julho de 1859. [Vide o número de julho])", p. 362-364.

²*Idem, ibidem*. Ano I. Maio de 1858. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos – Fundada em Paris no dia 1º de abril de 1858", p. 233-234.

³*Idem, ibidem*. Ano II. Julho de 1859. 3. ed. "Um oficial superior morto em Magenta", p. 283-287.

⁴_____. *Obras póstumas*. 40. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Segunda parte, "A minha primeira iniciação no Espiritismo", item Fundação da Sociedade Espírita de Paris, p. 327.

⁵FEP. Círculo Parisiense de Estudos Espíritos. *Mundo espírita*. Curitiba, PR, ano LXXIII, set./2005, p. 6-7. Artigo de Enrique Eliseo Baldovino, junto com o contexto histórico extraído das Notas del Traductor y de la USFF, nº 150, sobre lei de segurança geral, da *Revista espírita*: periódico de estudos psicológicos, ano 1858, de Allan Kardec, traduzida do francês ao espanhol por Enrique E. Baldovino. Brasília: CEI, 2005. p. XLIII-XLIV.

⁶CRONOLOGIA DOS MINISTROS DA FRANÇA. Charles-Marie-Espirit Espinasse. Atlas Words, Itália, 1999-2008. Disponível em: <http://www.atlaswords.com/FRANCIA%2051.htm> (acesso em 2 de janeiro de 2008), junto com as pesquisas históricas extraídas das Notas do Tradutor 116 e 129 (Guerra da Itália) da *Revista espírita*, ano 1859, a ser publicada.



Reformador, a revista espírita
mais antiga do Brasil

ASSINE AGORA!

(21) 2187-8264/8274



Seara Espírita

● Amazonas: Curso para trabalhadores

Nos meses de janeiro e fevereiro, a Federação Espírita Amazonense ofereceu cursos de aperfeiçoamento a Evangelizadores e Dirigentes Espíritas. No período de 19 a 26 de janeiro, promoveu o Curso de Preparação para Evangelizadores de Infância e Juventude em sua sede, com a presença de 30 participantes. No dia 22 de fevereiro, iniciou o curso de Capacitação Administrativa para Dirigentes Espíritas, com aulas presenciais e duração até o mês de novembro. Informações: feamazonas@hotmail.com, ou pelo site: www.feamazonas.org.br

● Franca (SP): Encontro de Unificação

No dia 30 de março, o Movimento Espírita de Franca e Região viveu um domingo especial. A cidade sediou o 3º Encontro Fraterno de Unificação, promovido pela União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE). O Encontro teve como finalidade proporcionar um ambiente de troca de experiências doutrinárias, conhecimento das realidades e abraços fraternos. Durante o evento, desenvolveu-se intensa programação; alguns temas foram tratados, como o opúsculo *Orientação ao Centro Espírita*; “A adequação da USE Regional, para o melhor atendimento de suas finalidades”; e a revitalização da Campanha “O Evangelho no Lar e no Coração”. O Encontro Fraterno de Unificação foi uma oportunidade para os espíritas de Franca e Região conhecerem as diretrizes de trabalho para o Movimento Espírita Estadual, Nacional e Internacional.

● França: Seminário sobre Movimento Espírita

Nos arredores de Lyon, em Denicé (França), ocorreu o seminário sobre “Formação de Responsáveis e Futuros Responsáveis do Movimento Espírita”, promovido pelo Conselho Espírita Francês, nos dias 23 e 24 de fevereiro. Compareceram quarenta dirigentes provenientes de 14 grupos e centros espíritas franceses; da União Espírita Belga e de Luxemburgo. O progra-

ma foi desenvolvido por Luc Moussu, Charles Kempf, Michel Buffet, Mickaël Ponsardin, Francis Delattre e Antonio Cesar Perri de Carvalho, este último do Brasil, atendendo aos temas: Doutrina e Movimento, União e Unificação; Objetivos e Atividades dos Grupos e Centros Espíritas; Os Primeiros Passos para um Grupo Espírita, entre outros. Houve, também, uma reunião plenária para discussão dos temas e delineamento de outra programação.

● Brasília: O dom da mediunidade

A Comunhão Espírita de Brasília e a Associação Médico-Espírita do Distrito Federal (AME-DF) promoveram na sede da Comunhão, no dia 15 de março, o seminário “O dom da mediunidade”, seguido de palestra sobre o tema “Construindo a Espiritualidade na saúde do século XXI”, ambos desenvolvidos por Marlene Rossi Severino Nobre. O evento comemorou o primeiro ano de funcionamento da AME-DF.

● Rio de Janeiro: Semana sobre a paz

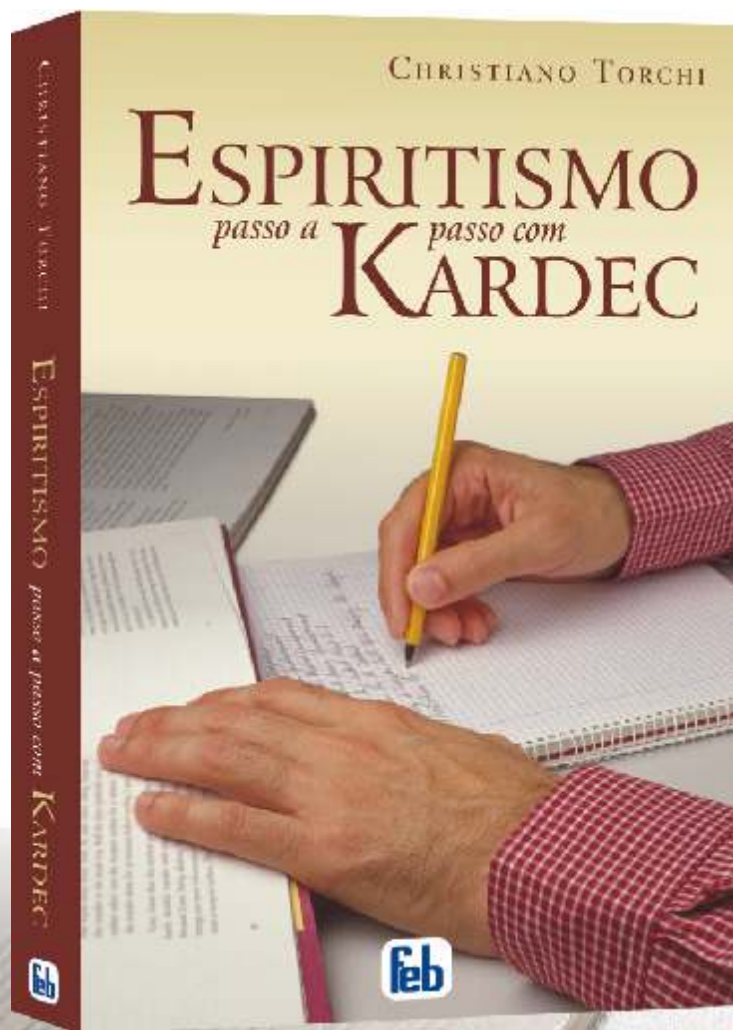
O 34º Conselho Espírita Unificado, órgão do Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ), da região de Cabo Frio, Arraial do Cabo e Búzios, promoveu a 21ª Semana Espírita, com o tema “A paz – o grande desafio dos dias atuais”, de 24 a 30 de março. Foram abordados assuntos tais como educação, paz interior, aborto, violência, drogas.

● CEI: Salão do Livro de Paris

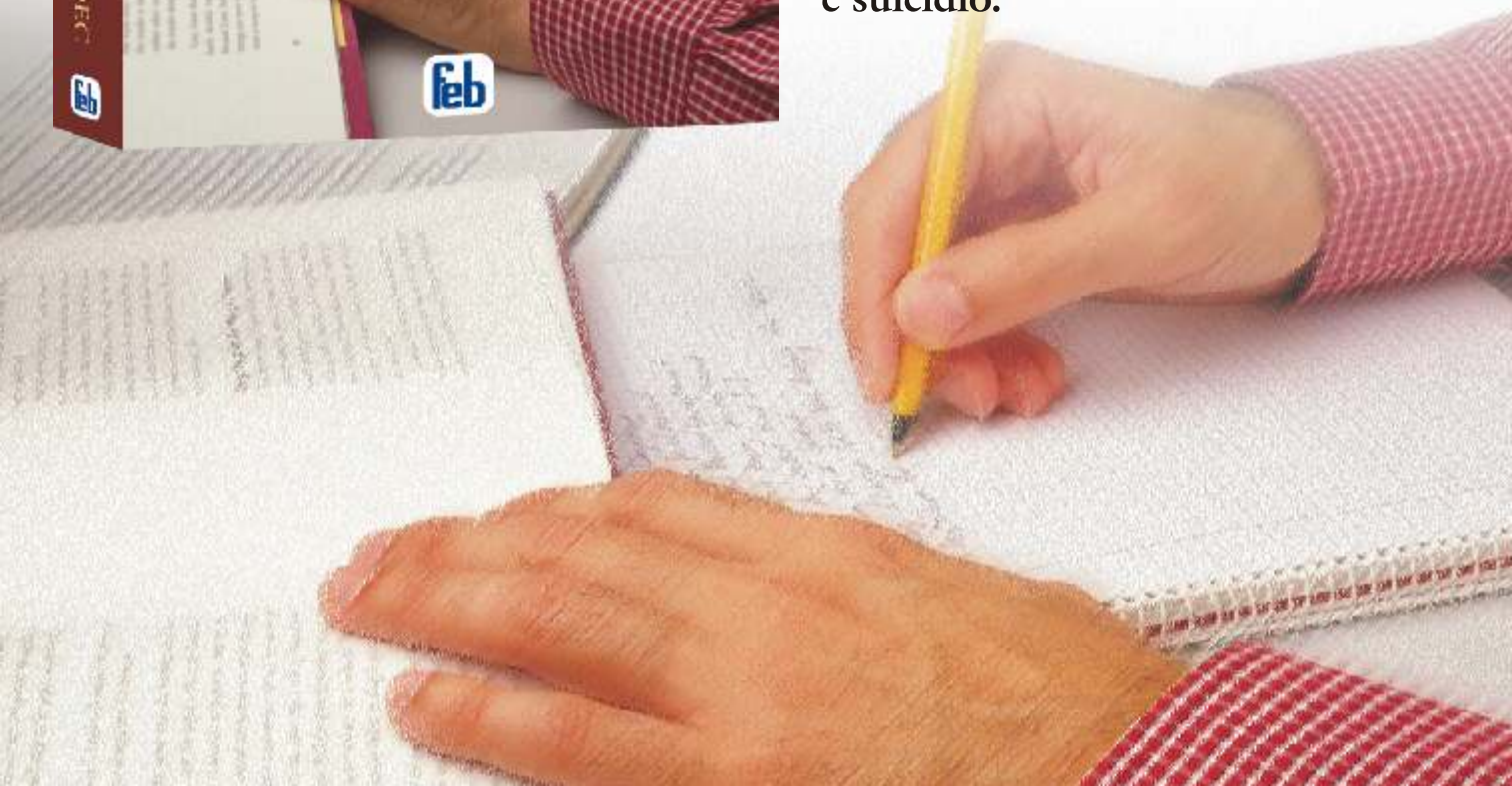
O Conselho Espírita Internacional (CEI) participou com um estande do Salão do Livro de Paris, de 14 a 19 de março, em Porte de Versailles, expondo 16 livros de sua edição em francês, como *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec – *O Educador e o Codificador*, e obras psicográficas de Francisco Cândido Xavier, de autoria dos Espíritos Emmanuel e André Luiz. Na oportunidade foi lançada a mais recente edição em francês do CEI, *Je te Pardonne!* (Perdôo-te), de Amália Domingo Soler. Informações: www.spiritist.org, ou pelo e-mail: spiritist@spiritist.org

Passo a passo

com Kardec



Como o próprio título ressalta, a obra disponibiliza ao adepto estudioso uma noção de conjunto dos princípios doutrinários, servindo como ponto de partida para maiores aprofundamentos. Esclarece sobre a distinção entre Espiritualismo e Espiritismo bem como sobre o tríplice aspecto da Doutrina Espírita. Aborda também temas atuais como doação de órgãos e transplantes, clonagem, eutanásia, aborto, pena de morte e suicídio.



REVUE SPIRITE

JOURNAL

D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

CONTIENT

Le rôle des manifestations matérielles en matière de Esprit, apparitions, Séances, etc., ainsi que toutes les questions relatives au Spiritisme. — L'enseignement des Esprits sur les choses du monde visible et du monde invisible; sur les sciences, les arts, l'humanité de l'âme, le salut de l'âme, et ses vices. — L'histoire du Spiritisme dans l'antiquité; son rapport avec les superstitions et les superstitions; l'explication des légendes et mythes populaires, de la réplique de tout les peuples, etc.

PAR

ALLAN KARDEC

Tout cela est vrai. Tout cela est possible, et tout cela est réel. La science de la vie est la science de l'âme.

150 anos difundindo a Imortalidade da Alma.

REVISTA ESPÍRITA

1858-2008

A L L A N K A R D E C



Laboratório experimental
utilizado por Allan Kardec na
elaboração da Codificação Espírita.

